

**Yara Rosa Bruno da Silva**

**AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS NO PORTUGUÊS DO  
BRASIL:  
NOVAS EVIDÊNCIAS A FAVOR DA ESTRUTURA  
BIPARTIDA DO VP**

**Belo Horizonte**

**2009**

**Yara Rosa Bruno da Silva**

**AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS NO PORTUGUÊS DO  
BRASIL:  
NOVAS EVIDÊNCIAS A FAVOR DA ESTRUTURA  
BIPARTIDA DO VP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

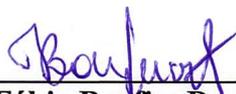
**Área de concentração:** Linguística teórica e descritiva

**Linha C:** Estudo da estrutura gramatical da linguagem

**Orientador:** Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

**Belo Horizonte**  
**Faculdade de Letras da UFMG**  
**2009**

Dissertação intitulada “As Causativas Sintéticas no Português do Brasil: Novas Evidências a Favor da Estrutura Bipartida do VP”, defendida por Yara Rosa Bruno da Silva, em 01 de junho de 2009, e aprovada pela banca examinadora composta pelos seguintes Professores Doutores:



---

**Fábio Bonfim Duarte - UFMG**  
**Orientador**



---

**Rozana Reigota Naves - UNB**



---

**Jânia Martins Ramos - UFMG**

Belo Horizonte, 01 de junho de 2009

Ao Márcio,  
meu incansável companheiro e  
colaborador nesta jornada.

## AGRADECIMENTOS

*Eu vim de longe para encontrar meu caminho.*

*Tinha um sorriso e o sorriso ainda valia.*

*Achei difícil a viagem até aqui.*

*Mas eu cheguei, mas eu cheguei.*

*(Zanatta)*

Agradeço a Deus pela vida e por sustentar-me com seu espírito santo durante esta minha caminhada.

Ao meu tio Crispin, por fomentar meus estudos, fazendo-me crer que o impossível acontece quando nos esforçamos de coração na busca de um objetivo.

Aos professores da PUC Minas, meus mestres na graduação, por me apresentarem as Letras. Em especial ao professor Hugo Mari, meu primeiro orientador; à professora Marise Myrrha, meu exemplo de profissão e, finalmente, ao professor Mário Perini, minha eterna gratidão por me apresentar o “campo minado” das diáteses verbais e despertar em mim o gosto pela sintaxe.

Agradeço ao professor Fábio Bonfim Duarte, por sua orientação.

Ao professor Luiz Francisco Dias, por ajudar-me a definir de um ponto de vista semântico as orações causativas. À professora Márcia Cançado, pelas orientações valiosas durante o seminário de interface sintaxe-semântica.

Agradeço também aos colegas de curso, cujo incentivo e apoio foram fundamentais. Agradeço em especial às colegas Isadora Barcelos e Luisa

Godoy pela paciência em ajudar-me a compreender os princípios centrais da abordagem gerativista.

Um agradecimento todo especial à minha filha Camila; e também ao meu marido querido, Márcio Mendes, pelas inúmeras vezes em que me incentivou; por abrir mão de interesses pessoais em prol da minha realização profissional; pelos mil textos digitados e árvores desenhadas no corpo desta pesquisa.

Finalmente, agradeço aos demais professores e funcionários da UFMG que de uma forma ou de outra contribuíram para que este trabalho se concretizasse. Obrigada!

Deus quer  
o homem sonha  
a obra nasce.

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo central discutir a formação das orações causativas sintéticas no português do Brasil (PB), em especial no dialeto mineiro, a fim de trazer evidências a favor da estrutura bipartida do VP. Esperamos mostrar que as estruturas causativas sintéticas equivalem, ao final das contas, a predicados complexos, formados por dois núcleos: um  $v^0$  de natureza causativa e um  $X^0$ , que em geral equivale ao complemento de  $v^0$ . As orações causativas sintéticas são evidências a favor de uma estrutura mais articulada do sintagma verbal. Também assumimos neste trabalho a proposta de Hale e Keyser (1993; 2002), segundo a qual a estrutura causativa sintética é formada por uma operação sintática denominada *conflation*, na qual a matriz fonológica de um núcleo  $X^0$  é transferida para o núcleo  $v^0$  (verbo leve). Neste sentido, os verbos inergativos constituem uma classe especial, visto que, contrariando a proposta de Hale e Keyser, podem sim ser causativizados e figurar em orações causativas sintéticas.

Vale dizer que, neste trabalho, o objeto é estudado à luz de pressupostos teóricos da Gramática Gerativa, destacando-se a proposta teórica apresentada por Hale e Keyser (1993, 2002) e a interface sintaxe-semântica abordada por Cançado (1995; 2003).

**Palavras-chave: Causativas Sintéticas; Predicado Complexo;  
Concha v-VP.**

## ABSTRACT

The central purpose of this research is to discuss the formation of synthetic causative sentences in Brazilian Portuguese (PB), mainly in Mineiro dialect, in order to bring evidences in favor of the bipartite structure of the VP. We aim at showing that the synthetic causative sentences are equivalent to complex predicates, composed of two heads: one causative  $v^0$  and one  $X^0$ , the proposal is that the latter is the complement of  $v^0$ . Synthetic causatives are evidence in favor of a more articulated structure of the VP. We also assume in this research the Hale and Keyser (1993; 2002) hypothesis, according to which a synthetic causative structure is generated by means of a syntactic operation called *conflation*. In this operation, the phonological matrix of an  $X^0$  head is transferred to the head of the  $vP$  projection. Additionally, we show that unergative verbs constitute a special verb class, since they can appear in causatives sentences, projecting a bipartite structure with two heads: the causative  $v^0$  head and the lexical  $V^0$  head. This proposal clearly contradicts one of the Hale e Keyser's predictions, according to which unergatives do not occur in causative structures.

It's important to say that this research follows theoretical assumptions from the Generative Grammar Theory, particularly those assumed by Hale and Keyser (1993; 2002), and the semantic-syntax interface approaches such as those developed recently by Cançado (1995; 2003).

**Key-words: Synthetic Causatives; Complex Predicates; VP Shells**

## SUMÁRIO

### CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

### CAPÍTULO 2

QUADRO TEÓRICO.....	26
2.1 A Proposta de Hale e Keyser .....	26
2.2 C-Comando .....	33
2.3 Regência.....	34
2.4 Incorporação.....	36
2.5 Conflation.....	38
2.6 Hierarquia Temática: A Proposta de Cançado .....	53

### CAPÍTULO 3

PROPOSTA DE BITTENCOURT.....	58
3.1 A Proposta de Bittencourt: da conceituação das orações causativas .....	58
3.1.1 <i>Taxonomia</i> .....	62
3.1.2 <i>Do Estatuto Teórico</i> .....	64

### CAPÍTULO 4

AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS NO PB: DESCRIÇÃO DO FENÔMENO.....	67
4.1 Definindo o Objeto de Estudo.....	68
4.2 Parâmetros Formais.....	70
4.2.1 <i>As Orações Causativas Analíticas</i> .....	71
4.2.2 <i>Orações Causativas Morfológicas</i> .....	72
4.2.3 <i>Orações Causativas Lexicais</i> .....	74
4.2.4 <i>Uma Construção Intermediária</i> .....	76
4.3 As Orações Causativas Sintéticas .....	78
4.3.1 <i>Causativas Sintéticas a partir de Inacusativos</i> .....	84
4.3.2 <i>Causativas Sintéticas a partir de Inergativos</i> .....	87
4.3.3 <i>Causativas Sintéticas a partir de Transitivos</i> .....	89

CAPÍTULO 5	
PROPOSTA TEÓRICA .....	92
5.1 Aplicando a Proposta de Hale e Keyser .....	93
5.1.1 <i>Inergativos que se causativizam</i> .....	93
5.1.2 <i>Transitivos que se causativizam</i> .....	103
5.2 Natureza Semântica dos Dois DPs <sub>Desencadeador</sub> .....	106
5.2.1 <i>Aplicando a Proposta de Cañado ao Estudo das Causativas Sintéticas</i> .....	107
CAPÍTULO 6	
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	117
APENDICE 1 .....	120
APÉNDICE 2 .....	132

# CAPÍTULO 1

## INTRODUÇÃO

O Fábio me trocou de projeto. Foi assim que as causativas sintéticas entraram na minha vida. De início, imaginei que não fosse um objeto de estudo tão pertinente nem que houvesse possibilidade de descobrir grandes coisas, já que a professora Vanda Bittencourt<sup>1</sup> vem, por décadas, examinando de perto as orações causativas. Ledo engano! Mostraram-se, para mim, um campo fértil de pesquisa; tão complexo que, como o leitor verá no decorrer desta dissertação, muitas perguntas ficaram ainda sem resposta.

O objetivo maior do nosso trabalho foi descrever as orações causativas sintéticas no Português do Brasil (doravante PB). Para tanto, seguimos alguns pressupostos teóricos da Gramática Gerativa bem como da interface sintaxe-semântica trazida por Márcia Cançado. Gostaria de ressaltar que este não é um trabalho de natureza estritamente gerativista, já que procura aproveitar muito dessa interface sintaxe-semântica. Este trabalho é, portanto, minha insignificante parcela de contribuição para o entendimento das causativas sintéticas no PB.

A maioria dos dados é proveniente de fala espontânea e dos discursos de candidatos à prefeitura de Belo Horizonte na campanha de 2008. Há também dados retirados do Jornal Super (2008) e da tese de doutorado de Bittencourt (1995). Esses *corpora* foram atentamente lidos e as ocorrências encontradas foram selecionadas para compor o *corpus* desta pesquisa. Para melhor manejo dos dados, estes foram organizados de acordo com o tipo de formação que

---

<sup>1</sup> Professora Doutora da PUC Minas.

apresentem. Ou seja, foram organizados os seguintes grupos: i) causativas que vêm de transitivos e têm alternância ergativa, ii) causativas que vêm de transitivos e têm alternância transitiva, iii) causativas que vêm de verbos intransitivos cujo único argumento nuclear carrega as propriedades [+Desencadeador, ±Controle, +Afetado], iv) causativas que vêm de verbos intransitivos inacusativos que selecionam um argumento interno cujos traços semânticos são [-Desencadeador, +Afetado, -Controle].

Saliento, ainda, que ocasionais repetições de exemplos e argumentos ocorreram no decorrer deste texto. A ideia era facilitar a vida do leitor, sem a necessidade de ficar voltando continuamente a capítulos anteriores.

Trabalhos recentes [cf. Bittencourt (1995; 2001), Guasti (1997)<sup>2</sup>, dentre outros], no âmbito da Linguística descritiva e teórica, vêm mostrando que as causativas analíticas diferem das causativas sintéticas pelo fato de que aquelas exibem, no componente sintático, um verbo de natureza causativa, o qual coocorre com um verbo lexical, conforme os exemplos a seguir.

Verbo  
Causativo  
⏟

(1) A professora fez o menino copiar o exercício. (analítica)

---

<sup>2</sup> Conforme Guasti (1997:124), “we call causatives of types found in English analytical causatives, since the causative verb and the verb in the complement are two independent words. In some languages, we find morphological causatives. These are obtained by morphologically combining a verb root expressing some event with a bound morpheme - the causative affix”. Já conforme Bittencourt (2001:171), “(...) as causativas sintéticas envolvem um acontecimento e um “tema causado” paciente; as analíticas, dois acontecimentos e um “tema causado” agente, ou experienciador”.

(2) A chuva forte fez o barraco cair. (analítica)

(3) O remédio fez a criança dormir. (analítica)

Diferentemente das causativas analíticas, as causativas sintéticas não apresentam em sua estrutura interna o verbo causativo realizado na sintaxe visível. Uma possibilidade de análise seria assumirmos que esse verbo, embora muitas vezes não esteja realizado explicitamente na morfossintaxe, está lá em um nível de representação abstrata, atuando conjuntamente com o verbo lexical, denotando assim que o evento realiza-se em duas etapas, conforme sugerem os exemplos a seguir:

(4) a) Ela viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix} \quad \begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ +\text{Afet} \end{pmatrix}$$

b) O noivo viajou para o Rio.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

c) Ela fez o noivo viajar.

(5) a) Espera um pouco que eu subo você aí.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix} \quad \begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ +\text{Afet} \end{pmatrix}$$

b) Você sobe aí.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

c) Eu faço você subir aí.

(6) a) Esse desgraçado desse presidente dançou muita gente.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ +\text{Afet} \end{pmatrix}$$

b) Muita gente dançou.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

c) Esse presidente fez muita gente dançar.

(7) a) O pai casou a filha com um negociante.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ +\text{Afet} \end{pmatrix}$$

b) A filha casou.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

c) O pai fez a filha casar.

(8) a) A mãe mudou os meninos de escola.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ +\text{Afet} \end{pmatrix}$$

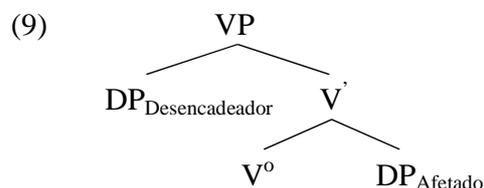
b) Os meninos mudaram de escola.

$$\begin{pmatrix} +\text{Desenc.} \\ +\text{Controle} \\ -\text{Afet} \end{pmatrix}$$

c) A mãe fez os meninos mudarem de escola.

Notem que os exemplos de (4a) a (8a) têm em comum o fato de originarem-se a partir de verbos inergativos e o fato de denotarem uma predicação complexa, constituída por mais de um evento. Adicionalmente,

observa-se que tais construções licenciam mais de um DP com o mesmo papel temático, mais precisamente com o papel temático de Desencadeador<sup>3</sup>. Este fato coloca um sério problema para as teorias da predicação que prevêm apenas um lugar para  $DP_{S+Desencadeador}$  em predicados transitivos. Em geral, este lugar equivale à posição de Spec-VP, conforme ilustra a configuração sintática (9), a seguir:



Vejam que a estrutura VP simples apresentada em (9) é insuficiente para alocar os dois DPs com as propriedades temáticas de Desencadeador arrolados nos exemplos de (4a) a (8a). A razão é simples: a estrutura VP simples só prevê uma posição de desencadeador para os verbos transitivos de ação. Por esta razão, os problemas que surgiram para nossa análise foram os seguintes:

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, optei por usar a terminologia *Desencadeador* ao invés de *Agente* para me referir ao papel temático. No capítulo 2 deste texto, ficará mais claro o motivo pelo qual fiz essa escolha.

- (i) como explicar o fato de as causativas sintéticas poderem licenciar dois DPs com o mesmo papel- $\theta$  de Desencadeador?
- (ii) Como alojar estes dois DPs numa estrutura transitiva que prevê apenas uma posição para DPs contendo papel- $\theta$  de [+Desencadeador]?
- (iii) Como a ocorrência desses dois DPs está relacionada com as propriedades semânticas dos verbos intransitivos inergativos?

Outro problema que foi foco de nossa análise tem a ver com os contextos de alternância ergativa. Perini (2005) explica que alternância ou diátese é cada uma das construções em que um item léxico (neste trabalho, sempre um verbo) pode ocorrer. A diátese é parte do potencial funcional do verbo<sup>4</sup>. Segundo o autor, a construção ergativa caracteriza-se por ter um núcleo verbal capaz de atribuir ao sujeito o papel semântico de “tema”, como se vê em (10), a seguir:

- (10) Maria emagreceu.  
Tema

O fato de um verbo poder figurar numa construção ergativa não exclui a possibilidade de sua ocorrência em outra construção. Há verbos que ocorrem tanto em construções com sujeito “tema” quanto naquelas em que o sujeito

---

<sup>4</sup> Conforme Perini (2005:16), “denomina-se diátese cada uma das construções em que um item léxico pode ocorrer, nesse sentido, as diáteses de um verbo são parte de seu potencial funcional (...)”.

recebe o papel semântico de “Desencadeador”, como exemplificado de (11) a (14):

(11) Zé engordou o porco.  
Desencadeador tema/paciente

(12) O porco engordou.  
Tema

(13) O professor assustou a turma.  
Desencadeador

(14) A turma assustou.  
Tema/paciente

Em suma, chamaremos doravante de alternância ergativa essa propriedade sintática que possuem alguns verbos de poderem coocorrer em contextos ergativos, isto é, poderem vir em construções transitivas e monoargumentais, conforme assinalam os exemplos acima.

A observação inicial dos dados empíricos nos levou a notar uma relação estreita entre causativização e ergativização. Num primeiro momento, pareceu-nos que somente verbos que permitem alternância ergativa aceitariam a causativização. Isso ficou particularmente evidente nos exemplos apresentados de (15) a (18), a seguir:

(15) a) O médico operou o professor.

b) O professor operou.

(16) a) Esse sapato dói meu pé.

b) O meu pé dói.

(17) a) A bala engasgou o menino.

b) O menino engasgou.

(18) a) O advogado aposentou meu pai.

b) Meu pai aposentou.

Vejam que, nos exemplos (15b), (16b), (17b) e (18b) acima, fica bem evidente que os verbos *operar*, *doer*, *engasgar* e *aposentar* aceitam a ergativização podendo, portanto, figurar em uma construção causativa sintética. Todavia, o mesmo não ocorre com verbos do tipo de *comer*, *castigar* e *derrubar* em que não se permite a alternância ergativa nem uma leitura causativa imediata, conforme os dados a seguir deixam entrever.

(19) a) A menina comeu a pizza.

b) \* A pizza comeu.

(20) a) O pai castigou o filho.

b) \* O filho castigou.

(21) a) A polícia capturou os suspeitos.

b) \* Os suspeitos capturaram.

Tomando por base os dados empíricos acima, levantamos as seguintes questões: (i) será que somente verbos que permitem a ergativização é que podem figurar em construções causativas? (ii) Até que ponto o licenciamento da alternância ergativa está ou não conectado com a interpretação causativa do predicado? Ou seja, nosso interesse era determinar se a agramaticalidade de (19b), (20b) e (21b) em face da gramaticalidade de (15b), (16b) (17b) e (18b) poderia ser explicada em função:

- (i) de haver ausência de uma leitura causativa mais explícita do núcleo que encabeça o predicado;
- (ii) de não haver um argumento externo com as propriedades semânticas de [+Desencadeador, +Controle].

Os dados empíricos colhidos revelaram ainda um tipo de alternância transitiva muito peculiar e que só ocorre com determinadas classes semânticas de verbos. Esses verbos, embora não permitam a alternância ergativa, podem sim sofrer causativização sem que figure na estrutura sintática um verbo

causativo do tipo de FAZER/MANDAR/CAUSAR, como ilustram os exemplos de (22) a (24) a seguir.

(22) a) O Fábio me trocou de projeto.

b) Eu troquei de projeto.

(23) a) Ele consertou o carro por aquele mecânico de nome maluco.

b) O carro consertou./Aquele mecânico consertou o carro.

(24) a) A Luma fez sua fantasia pelas costureiras da escola de samba.

b) As costureiras fizeram a fantasia.

Os exemplos de (22) a (24), os quais trazem verbos transitivos simples e complexos, têm algo de peculiar, a saber: embora não exibam alternância ergativa, permitem alternância transitiva. Além disso, o curioso desses predicados transitivos/causativos é que a leitura causativa parece estar diretamente conectada com a obrigatoriedade de ocorrência de uma preposição funcional para introduzir o argumento que, na construção transitiva simples, equivale ao argumento externo que carrega as propriedades semânticas [+Desencadeador, -Afetado]. Diante desses fatos, a nossa pesquisa procurou responder às seguintes indagações:

- (i) Por que as causativas oriundas de VPs transitivos forçam que um dos DPs internos a esse VP venha sistematicamente introduzido por uma preposição?
- (ii) Qual é o estatuto sintático-semântico da preposição que introduz o argumento [+Desencadeador] nas causativas a partir de verbos transitivos?
- (iii) Por que as causativas oriundas de VPs intransitivos não forçam que seu único DP interno venha com preposição?

Para mais dados relevantes, remeto o leitor ao Apêndice 1 desta dissertação que traz uma lista das principais estruturas causativas sintéticas detectadas.

Apesar de estudos anteriores sobre as causativas sintéticas no PB, não encontramos na literatura respostas claras às perguntas levantadas neste texto. Percebemos que há necessidade de estudos adicionais no que tange às causativas sintéticas, tal como afirma Comrie, a seguir:

*As causativas constituem uma fonte de grande interesse no presente, não só por causa do importante papel que exercem na morfologia derivacional de muitas línguas, mas também pelo fato de a sua análise requerer uma abordagem complexa, que envolve sintaxe, semântica e morfologia.*  
(COMRIE, 1985:309)<sup>5</sup>

A noção de causatividade apresentada pela gramática tradicional (doravante GT) não abarca a complexidade deste fenômeno, tal como constata

---

<sup>5</sup> Tradução de Vanda Bittencourt (1995).

Comrie. Seu importante papel na morfologia derivacional das línguas não é mencionado nem tampouco uma explicação envolvendo sintaxe, semântica e morfologia nos é fornecida. O que encontramos na GT são noções vagas e inconsistentes quando confrontadas com dados empíricos.

*Causativo: verbo cujo sujeito não realiza a ação, mas obriga outro a realizá-la. São verbos causativos: mandar, deixar, fazer, ouvir, sentir. São chamados também factitivos.*  
(MACEDO, 1979:49)

Em Macedo, temos uma definição semântica do que vem a ser uma oração causativa e, em seguida, alguns verbos causativos. Nada se diz sobre a sintaxe nem a morfologia dessas orações. Entretanto, mesmo do ponto de vista semântico, a definição de Macedo mostra-se frágil, incapaz de abordar sistemática e coerentemente os dados da língua, como se vê em (25) e (26) a seguir.

(25) O pai casou a filha com um negociante.

(26) O remédio melhorou a menina.

Os exemplos (25) e (26), arrolados acima, são de orações causativas sintéticas. Entretanto, apresentam diferenças semânticas que derrubam a definição de Macedo. Em (25) o DP *o pai* recebe, de fato, o papel temático de agente ou Desencadeador, como propõe Macedo; e *obriga* o DP *a filha* a realizar a ação, no caso, a ação de casar. Mas o mesmo não se pode dizer do DP

*o remédio* em (26). Este DP não *obriga* o DP *a menina* a fazer a ação de melhorar, pelo contrário, é algo sobre o qual o DP *a menina* não tem controle. Ademais, os verbos em (25) e (26) não figuram na lista dos verbos causativos considerados por Macedo em sua definição. Será que por isso deixam de ser construções causativas? É claro que não!

Camara Jr, no entanto, procura preencher a lacuna de abordagens anteriores.

*Chamam-se Causativos ou Factitivos, os verbos transitivos que exprimem um processo em que o ser objeto é o agente (v.) sob a influência dominante do ser sujeito. (...) Generalizadamente, porém, o valor causativo se indica por uma locução verbal – a) com fazer, como auxiliar, ao lado de um infinitivo (ex.: faz correr, faz nascer), ficando o ser objeto como sujeito do infinitivo.*

(CAMARA JR., 1981:71)

Camara Jr. introduz em sua definição o componente sintático ao afirmar que as causativas vêm de verbos transitivos e ao arrolar possíveis locuções verbais que entram em sua formação. Acontece que os fatos linguísticos não parecem caber nesse molde. Camara Jr. afirma que verbos causativos são verbos *transitivos*. Entretanto, em nossa busca preliminar de dados, não encontramos muitos dados de verbos transitivos em construções causativas e, nem sempre, – como se vê nas causativas sintéticas – a locução verbal aparece na estrutura sintática, como vemos de (27) a (30).

(27) O Márcio andou o carro.

(28) O menino desceu os livros da estante.

(29) Esse sapato dói meu pé.

(30) Novo ministro cresce a inflação no Brasil.

O texto de Camara Jr. permite a leitura de que apenas verbos transitivos figuram em construções causativas. No entanto, os verbos de (27) a (30) não pertencem à classe dos ditos transitivos, pelo contrário, são oriundos da classe dos intransitivos, mas isso não impede que ocorram em construções causativas. Outra falha da definição do autor vem da dita necessidade de uma locução verbal com o verbo *fazer* em construções causativas; em nenhum dos exemplos supracitados aparece uma locução verbal, entretanto, são nitidamente causativos.

Bittencourt (1995, 2001), que competentemente se aventurou pelo campo das causativas, também reconheceu a defasagem da GT, incapaz de delinear um quadro teórico adequado. Não resta dúvida que tal fenômeno se constitui um suculento campo de pesquisa para a Linguística. Seu entendimento lança luz sobre outros fenômenos da língua, ajudando-nos a compreendê-la de modo geral. Tendo em vista que esta dissertação vale-se de pressupostos gerativistas, o estudo das causativas, em especial das causativas sintéticas, interessa à Teoria da Estrutura Argumental, na medida em que ajuda a motivar e a trazer novas evidências a favor da estrutura bipartida do VP.

Então, vejamos, a partir de uma breve apresentação de cada capítulo, como se estrutura esta dissertação.

No capítulo 2, apresentamos o quadro teórico adotado para o estudo das causativas sintéticas no PB. Valemo-nos da proposta do VP cindido, isto é, de que os verbos têm uma estrutura argumental complexa, formando a concha v-VP. Baseamos nossa pesquisa nos trabalhos de Hale e Keyser (1993; 2002). Adotamos também a proposta de Hierarquia Temática tal como em Cançado (2003; 2005) bem como sua definição de papéis temáticos.

No capítulo 3, fazemos uma breve incursão nos estudos prévios sobre as orações causativas no PB. Privilegiamos os estudos da professora Vanda Bittencourt.

No capítulo 4, descrevemos o fenômeno, isto é, as orações causativas sintéticas. No intuito de explicá-las mais detalhadamente, dividimo-las em 3 subtipos: (i) causativas sintéticas a partir de inacusativos, (ii) causativas sintéticas a partir de inergativos e (iii) causativas sintéticas a partir de transitivos.

No capítulo 5, explicamos nossa proposta teórica. Tentamos demonstrar que as causativas sintéticas no PB fornecem evidências a favor da estrutura bipartida do VP bem como, no caso dos verbos inergativos causativizados, motivar dois núcleos, mostrando a necessidade de uma estrutura mais articulada para dar conta do fenômeno da causatividade.

Por fim, o capítulo 6 traz as considerações finais sobre o trabalho, inclusive as muitas questões que, por motivo de tempo e limitações intelectuais no momento, continuam sem repostas, quem sabe para um trabalho futuro.

Há ainda as referências bibliográficas consultadas para a execução deste trabalho bem como dois Apêndices, um contendo uma tabela com os dados colhidos durante a elaboração do texto e, outro, contendo uma lista dos principais afixos causativos no PB.

## CAPÍTULO 2

### QUADRO TEÓRICO

Como mencionado na introdução desta dissertação, nosso quadro teórico baseia-se, principalmente, no trabalho de três autores: Hale e Keyser (1993; 2002) e Cançado (2003;2005). De Hale e Keyser, aproveitamos a proposta do VP complexo e do núcleo  $v^0$  causativo (verbo leve); de Cançado, adotamos o conceito de papel temático e a proposta de Hierarquia Temática.

A próxima seção tratará do trabalho de Hale e Keyser.

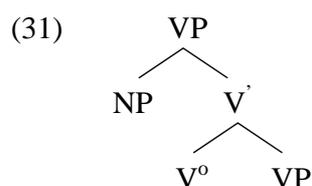
#### 2.1 A Proposta de Hale e Keyser

Apoiando-se na hipótese do VP cindido<sup>6</sup>, Hale e Keyser (1993, 2002), propõem que os verbos têm uma estrutura argumental complexa. Cada núcleo lexical projeta sua categoria para um nível sintagmático acima e determina nessa projeção um sistema não ambíguo de relações estruturais entre o núcleo,

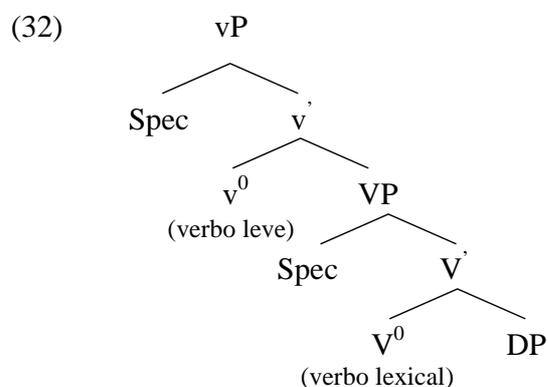
---

<sup>6</sup> Segundo Lopes (2007), estruturas ternárias e binárias não conseguem codificar a relação de c-comando assimétrico entre os argumentos internos de orações de objeto duplo. Para adaptar a noção de c-comando assimétrico em construções de objeto duplo, Larson (1988) propõe uma cisão na estrutura VP, a proposta da concha v-VP. Nessa proposta, os predicados teriam uma estrutura complexa composta por um núcleo  $v^0$  de natureza causativa e um núcleo  $V^0$ , o verbo lexical. Estendendo a proposta de Larson (1988), Chomsky (1995) e Adger (2003) conciliam a concha v-VP com o princípio da Hipótese da Uniformidade na Atribuição dos Papéis Temáticos (UTAH) que estabelece que todas as relações semânticas entre os predicados e seus argumentos são sempre representadas por uma mesma estrutura sintática na operação merge.

suas projeções categoriais e seus argumentos (especificador e complementos)<sup>7</sup>. Assim, categorias lexicais como V, P, N e A projetam níveis de projeções máximas XPs, como é a situação do núcleo V<sup>0</sup> em (31).



Segundo Hale e Keyser (1993), tal estrutura é complexa porque envolve dois VPs. O mais baixo tem como núcleo um verbo lexical V<sup>0</sup>. Já o VP superior tem como núcleo um verbo leve v<sup>0</sup>, de natureza causativa, como mostrado em (32).




---

<sup>7</sup> Conforme Hale e Keyser (1993:53), “(...) each lexical head projects its category to a phrasal level and determines within that projection an unambiguous system of structural relations holding between the head, its categorial projections, and its arguments (specifier, if present, and complement)”.

O verbo leve pode vir realizado fonologicamente na morfologia, como nas causativas de línguas como o Chichewa e o Ka'apor, ou pode não vir realizado fonologicamente, como nas causativas sintéticas do PB. Segundo Lopes (2007), o núcleo  $v^0$  pode manifestar-se de diversas maneiras, a saber:

- (i) sem realização fonológica;
- (ii) por meio de afixos;
- (iii) sintaticamente, por meio de um verbo auxiliar, o qual pode constituir-se uma unidade ou não com o verbo lexical<sup>8</sup>.

A seguir, apresento exemplos de manifestação da causatividade em algumas línguas.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Guasti (1997:125,126) demonstra que verbos leves podem realizar na sintaxe constituindo uma unidade com o verbo lexical, conforme a seguir:

- (a) Elena ha fatto lavorare Gianni
- (b) Elena fa lavorare Gianni.
- (c) \* Elena fa Gianni lavorare.

Segundo Guasti, em (a) e (b) o verbo leve e o verbo lexical formam um verbo complexo, de modo que não é permitido aparecer entre eles um outro item. A agramaticalidade de (c) deve-se justamente ao fato de haver um sintagma nominal separando o composto formado pelo verbo leve -verbo lexical.

<sup>9</sup> Exemplos de Lopes (2007).

## (i) MORFOFONOLÓGICA

a) mudança interna na qualidade da vogal ou mutação da consoante:

(33)	<i>tikti</i>	<i>táikyt</i>	(Lituano)
	ser adequado	fazer adequação	

b) repetição da consoante.

(34)	<i>xarab</i>	<i>xarrab</i>	(Árabe)
	Ser mau	fazer maldade	

c) aumento da duração vocálica

(35)	<i>mar</i>	<i>ma:r</i>	(Kashmiri)
	Morrer	matar	

d) reduplicação

(36)	<i>bengok</i>	<i>be-bengok</i>	(Javanês)
	Gritar	fazer gritar	

## (ii) ANALÍTICA

## a) Dois verbos que constituem um predicado

- (37) *Je ferai manger les gâteaux à Jean*  
 Eu fazer comer os bolos para Jean  
 “Eu faço Jean comer os bolos”

b) Dois verbos em orações diferentes. Geralmente, o verbo causativo vem na oração principal, enquanto o verbo lexical vem na oração complemento ou em algum tipo de oração subordinada:

- (38) *Capi te [i-jõt na] i-to* (Canela-Kraho)  
 Capi PASS eu(S)-dormir que eu(O)-CAUS  
 “Capi que me fez dormir”

## (iii) LEXICAL

## a) Um verbo pode ser usado em orações causativas e não-causativas:

- (39) *John tripped*      *Mary tripped John*  
 “João tropeçou”      “Mary tropeçou João” [=Mary fez João tropeçar]

b) Há dois lexemas verbais, a saber: (i) um expressa intransitividade; (ii) outro expressa a transitividade que corresponde a causatividade, como se vê a seguir na tabela (40a), extraída de Lopes (2007), e (40b), com dados do PB.

(40) a) LÍNGUA: DYIRBAL – REGIÃO DA AUSTRÁLIA

Intransitivos	Transitivos	Tradução
mayi	bundi	“sair”
gaynyja	bana	“quebrar”
jana	jarra	“deitar”

b) PB – DIALETO MINEIRO

Intransitivos	Transitivos
sair	entrar
matar	morrer

Observando os exemplos de (33) a (40), fica evidente que o verbo leve pode se manifestar de diversas maneiras, a saber: por meio (i) de um afixo, como nas causativas morfológicas, (ii) um verbo causativo realizado fonologicamente, como nas analíticas, ou (iii) sem realização fonológica, como visto nas lexicais. Quanto ao quadro de causativas em (40), este merece um pouco mais de atenção. No quadro (40b), com dados do PB, vemos que, apesar de termos disponíveis na língua alguns verbos que apresentam o par causativo e o par não causativo, está cada vez mais frequente o uso do par não-causativo

para a construção de orações causativas. Essa discussão, entretanto, não cabe nesta seção. O capítulo 5 desta dissertação tratará deste tema.

Voltando à proposta de Hale e Keyser (1993), temos que o verbo leve, em suas diversas manifestações, é o núcleo do complexo verbal, a concha v-VP. Os predicados são, na verdade, constituídos de projeções maiores: uma projeção mais baixa tendo como núcleo um verbo lexical e outra tendo como núcleo um verbo leve de natureza causativa.

A complexidade, entretanto, não pára por aí. Hale e Keyser (1993) propõem que um núcleo pode se incorporar a outro formando um composto que, por sua vez, pode se incorporar a outro núcleo, e assim sucessivamente. Numa operação sintática chamada *conflation*<sup>10</sup>, a matriz fonológica do complemento é transferida para o núcleo de vP, o verbo leve. Antes, porém, de explicar como ocorre a *conflation*<sup>11</sup>, cumpre lembrar alguns conceitos fundamentais: c-comando, regência, incorporação. Cada um desses itens será retomado brevemente nos tópicos a seguir.

---

<sup>10</sup> Hale e Keyser (2002:4): “*conflation is a term that we use to refer to the phonological instantiation of light verbs in denominal verb constructions (...) the verb ends up carrying the phonological matrix of the nominal complement.*”

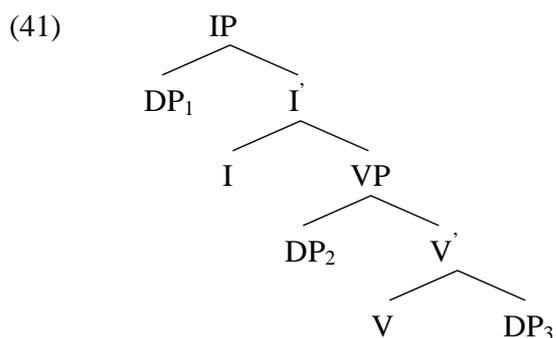
<sup>11</sup> O termo “conflation” pode ser traduzido para o português como “conflação”. Entretanto, neste trabalho, decidi manter o termo tal como é usado na literatura em inglês.

## 2.2 C-Comando

Um nó A c-comanda um nó B se, e somente se:

- (i) A não domina B e B não domina A.
- (ii) Qualquer nó ramificado que domina A domina igualmente B.

Para ilustrar a relação de c-comando, consideremos a seguinte estrutura.



De acordo com a definição de c-comando, supracitada, o DP<sub>1</sub> (sujeito) c-comanda todas as demais categorias, visto que IP, o único nó ramificado que o domina, domina também todas as outras categorias. Do mesmo modo, I c-comanda V, pois o primeiro nó ramificado que o domina (I'), também domina V. Entretanto, I não c-comanda o DP<sub>1</sub> (sujeito), já que o primeiro nó ramificado (I') que o domina não domina o DP<sub>1</sub>. Entenda-se como nó ramificado um nó do qual saem dois ramos, isto é, que domina pelo menos dois outros nós.

Vejamos agora o conceito de regência.

### 2.3 Regência

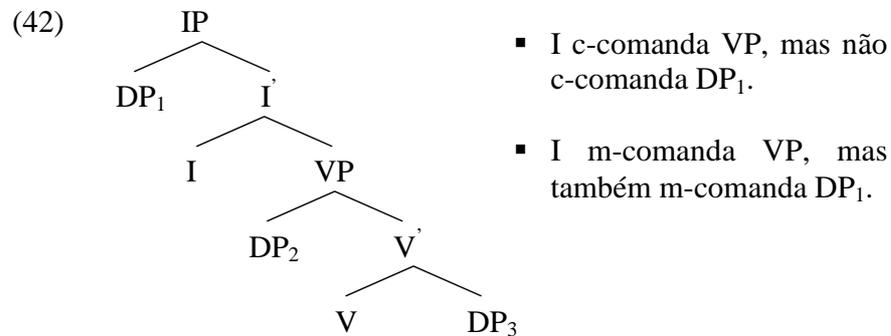
Consoante Raposo (1992:356), a regência é a relação local que se estabelece entre um núcleo  $X^0$  e as categorias contidas na projeção máxima XP definida por esse núcleo.

A fim de entender o conceito de regência, falarei brevemente sobre a relação de m-comando. Do mesmo modo que o c-comando é a relação apropriada para a teoria da ligação, o m-comando é a relação apropriada para a teoria da regência.

Tomemos como exemplo o sistema funcional  $IP^{12}$ . I c-comanda VP e todas as categorias dominadas por VP, mas nenhuma categoria fora de  $I'$ , o primeiro nó ramificado que domina I; em particular, I não c-comanda o  $DP_1$  (sujeito), visto que este nó não é dominado por  $I'$ . Vejamos agora as relações de m-comando. I m-comanda igualmente VP e todas as categorias que se encontram incluídas no VP, mas também m-comanda o  $DP_1$  (sujeito), visto que este nó está contido na primeira projeção máxima que domina I, ou seja, IP.

---

<sup>12</sup> A explicação e os exemplos são de Raposo (1992:356).



As duas relações – m-comando e c-comando – definem um limite superior para fora do qual a relação não pode sair: na relação de c-comando, esse limite superior é o primeiro nó ramificado; e na relação de m-comando, o limite é a primeira projeção máxima.

Segue-se, então, a formulação da regra de regência.

### Regência

A rege B se, e somente se:

- (i)  $A = \{N, V, A, P, \text{Infl} / [+Agr]\}$ .
- (ii) A m-comanda B.

O tópico seguinte tratará do conceito de incorporação.

## 2.4 Incorporação

O conceito de incorporação foi abordado primeiramente por Baker (1988). Incorporação é o processo pelo qual uma palavra, geralmente um verbo, forma um tipo de composto com, por exemplo, seu objeto direto ou modificador adverbial. A incorporação de N geralmente apaga um dos argumentos do verbo e, em algumas línguas, isso é mostrado explicitamente.

De acordo com Hale e Keyser (2002), a língua Uto-Asteca Hopi apresenta grande número de incorporações, tal como em (43), a seguir.

- (43) Ita-na                      kii-ta-ni  
       Our-father                house-fazer-FUT  
       ‘Father will build a house’

Em (43), o núcleo verbal é o morfema *-ta*. Nesse caso, funciona como o verbo “fazer” ou “manufaturar”. É ele que entra no processo de incorporação com o NP *house* (kii). Na perspectiva de Baker (1988), incorporação é vista como um movimento de núcleo, uma das transformações propostas por Chomsky que deriva formas superficiais a partir de uma estrutura profunda. Os nomes incorporados são movidos de sua posição original (na estrutura profunda) para uma posição adjunta a V (na estrutura superficial), deixando um vestígio que é governado pelo N movido, satisfazendo, portanto, o Princípio da Categoria Vazia (ECP). O ponto crucial é que o NP que tem como núcleo o vestígio do N incorporado precisa ser um argumento de V, caso contrário não receberá papel temático por V.

Num primeiro momento, Hale e Keyser (1993) propuseram que a formação de núcleos complexos envolvia o processo de incorporação de núcleos. Entretanto, ao estudar os verbos que constituem as orações causativas, reformularam sua hipótese e propuseram que a relação envolvida era a de *selection*<sup>13</sup>, ao invés de incorporação. O problema é que a incorporação não impede que, em tese, ocorra a junção de um núcleo  $X^0$  com o DP que ocupa a posição de especificador de seu complemento. Isso resulta, por exemplo, em sentenças mal formadas, como as sentenças em (44)<sup>14</sup>.

- (44) (a) Leecil corraled the calves.  
 (b) \*Leecil calved in the corral.

- (45) (a) Myrtis rosined the rope.  
 (b) \*Myrtis roped with rosin.

Tendo em vista esse problema, Hale e Keyser abandonam a ideia de incorporação e postulam a operação *conflation* no mecanismo que forma a estrutura bipartida de predicados. Por esta razão, reservo a próxima seção para falar um pouco sobre esta operação.

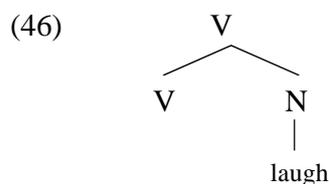
---

<sup>13</sup> Para Hale e Keyser (2002), a operação *conflation* envolve a relação de *selection*. Para que ocorra a *conflation* é necessário que o núcleo a ser movido seja selecionado pelo núcleo  $X^0$ . Desse modo, nunca ocorreria a *conflation* com um especificador.

<sup>14</sup> Exemplos de Hale e Keyser (2002:51).

## 2.5 Conflation

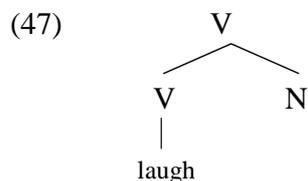
*Conflation* é um termo usado por Hale e Keyser (2002) para se referir à instanciação (realização / preenchimento material) fonológica de verbos leves em construções com verbos denominais. Na proposta de Hale e Keyser (2002), a noção da operação *conflation* desempenha um papel central na derivação lexical dos itens. O termo *conflation* é usado para se referir à fusão de núcleos sintáticos na qual a matriz fonológica do núcleo de um complemento (um N, por exemplo) é inserida na posição de núcleo, vazio ou afixal, que o governa, dando origem a uma única palavra (um verbo denominal, quando o núcleo que entrou no processo de *conflation* é um N; um verbo deadjetival, quando o núcleo é um A; e assim por diante)<sup>15</sup>. Para exemplificar, tomemos o verbo *laugh*. Esse verbo tem uma estrutura fundamentalmente transitiva, tal como em (46).



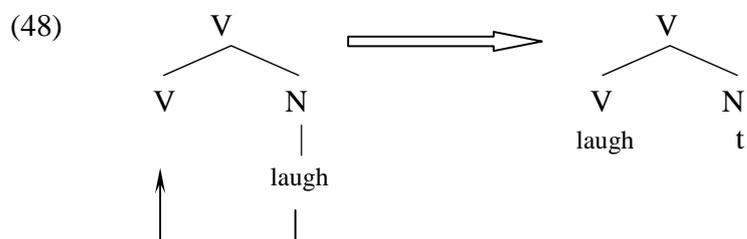
A matriz fonológica de *laugh*, entretanto, não está sob N, mas sob V.

---

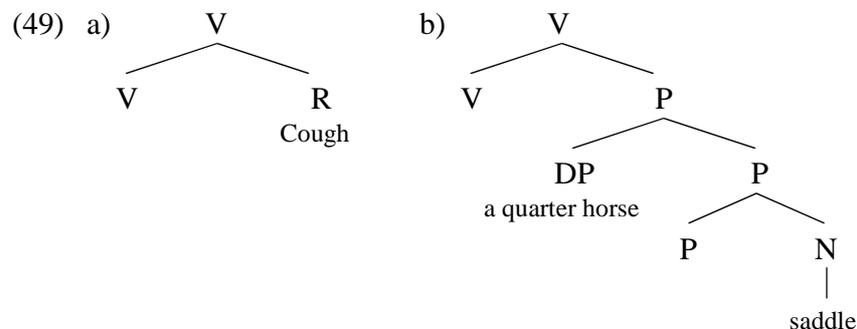
<sup>15</sup> Hale e Keyser (2002:47): “We use this term to refer to the fusion of syntactic nuclei that accounts for derivations in which the phonological matrix of the head of a complement (say, N) is inserted into the head, empty or affixal, that governs it, giving rise to a single Word ( a denominal verb, where the conflating head is N; a deadjectival verb, where the conflating head is A; and so on)”.



O que ocorreu então? O que fez com que o núcleo N (*laugh*) fosse associado no léxico ao núcleo V (*laugh*)? Em linhas gerais, o que ocorreu foi um exemplo da operação sintática chamada *conflation*. O núcleo V estava vazio; era, portanto, uma categoria que exige preenchimento fonológico do seu núcleo pelo complemento de natureza N. Por estarem numa relação de c-comando, o núcleo V seleciona o núcleo N; este por sua vez é movido para o núcleo de V e transfere para ele sua matriz fonológica, dando origem ao verbo inergativo *laugh*. As estruturas em (48) demonstram esse processo.



Especificamente, *conflation* tem a ver com o problema de como os núcleos que estão em posições mais altas na estrutura sintática acabam incorporando a matriz fonológica do núcleo de seu complemento, conforme mostram os exemplos (49a) e (49b) a seguir.



Raízes categoriais do tipo *cough* e *saddle* requerem um tipo de movimento, resultando, por fim, na incorporação da matriz fonológica do item envolvido a um núcleo que o c-comanda. Parece apropriado propor que a operação de movimento nessas derivações seja incorporação, no sentido técnico de Baker (1988). No entanto, essa ideia foi abandonada porque incorporação gera estruturas sintagmáticas incorretamente, prevendo a possibilidade de incorporação a partir da posição de especificador do argumento interno, conforme ilustra (50).

- (50) a) \* *They salted in the box.*  
 (cf. *They boxed the salt*)
- b) \* *They tiled with grout.*  
 (cf. *They grouted the tile*)

Hale e Keyser (2002:59) afirmam que a operação *conflation* corresponde, ao final das contas, a uma relação de *estrita complementação*. Eles formulam essa relação da seguinte maneira:

(51) *Estrita Complementação*<sup>16</sup>

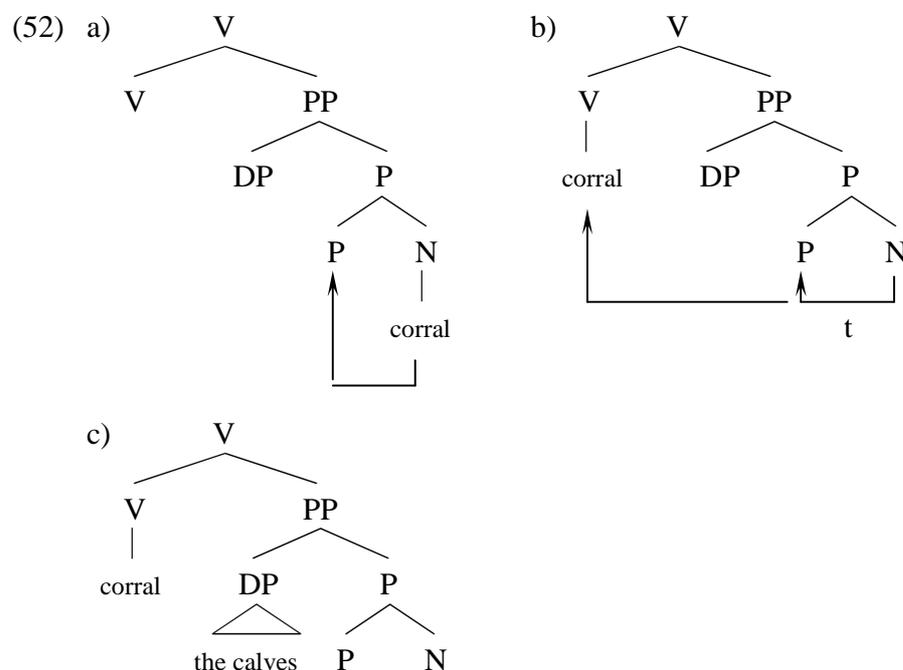
Um núcleo X é o complemento estrito de um núcleo Y se, e somente se, o núcleo Y está em uma relação mútua de c-comando (isto é, de *irmandade*) com a projeção categorial máxima de X.

As projeções categoriais de N são N' e NP; de P, P' e PP; e assim por diante. A projeção categorial máxima é um nó que não projeta mais nada acima. DP não é uma projeção categorial máxima de N, nem TP é uma projeção categorial de VP, e assim por diante. Para que a operação *conflation* ocorra é necessário que o princípio de *estruta complementação* seja obedecido. Em (50) esse princípio é violado. Já em (52) temos um exemplo de obediência a esse princípio e, portanto, de uma *conflation* possível.

---

<sup>16</sup> A citação original, retirada de Hale e Keyser (2002:59), prevê o seguinte:

“*Strict complementation: A head X is the strict complement of a head Y iff Y is in a mutual c-command (i.e., sister) relation with the maximal categorial projection of X.*”



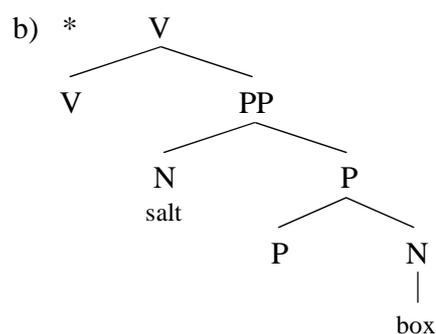
A *conflation* em (52) se conforma à exigência de estrita complementação, já que a projeção máxima de P é irmã de V. Toda operação de *conflation* bem sucedida obedece a essa exigência. É por isso que um especificador não entra numa operação de *conflation*.

Uma operação de *conflation* apropriadamente restringida precisa ser estritamente local, relacionando um núcleo  $v^0$  e o núcleo de seu complemento, podendo este vir realizado por um dos itens lexicais  $V^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$  e  $A^0$ .

Uma maneira levemente diferente de pensar sobre a relação estrutural que é relevante para a *conflation* é em termos de Seleção. A complementação estrita se mantém para a *conflation* se o núcleo governante (V) *seleciona* o alvo  $X^0$  na posição de seu complemento. Isso garante localidade e impede *conflation* de um especificador, que não tem relação estrutural com o núcleo regente. Em

(53b), o núcleo *box* é selecionado por P, e P, por sua vez, é selecionado por V; mas *salt* não é selecionado por V ou qualquer outro núcleo em (53):

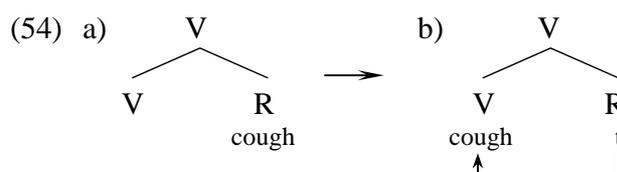
(53) a) They boxed the salt.



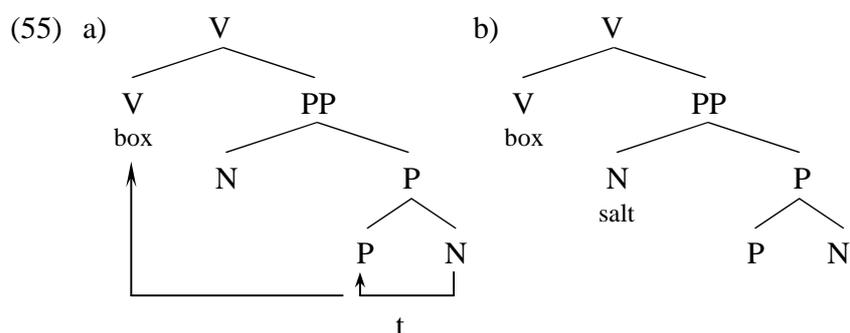
A seleção garante a relação estrutural correta – um núcleo  $X^0$  pode entrar numa relação de *conflation* com o núcleo de seu complemento C, se  $X^0$  seleciona C.

Qual é então o mecanismo pelo qual  $X^0$ , o núcleo regente, adquire a matriz fonológica implicada na relação de *conflation*? Isso também precisa ser apropriadamente restringido. Hale e Keyser (2002) rejeitam incorporação porque ela é restringida por regência, não por seleção. Uma possibilidade para a realização fonológica de  $X^0$  em *conflation* é essa: na operação JUNTAR, a estrutura, definida por  $X^0$  e seu complemento C, recebe um rótulo. No caso mais simples, o rótulo é determinado pelo núcleo  $X^0$ . De acordo com Hale e Keyser, o rótulo inclui informação sobre a matriz fonológica de  $X^0$ , um conjunto organizado de propriedades fonológicas. Mas suponha que  $X^0$  não tenha propriedades fonológicas. Neste caso, supomos que  $X^0$  assumas as propriedades fonológicas de seu complemento. Isso está em perfeita

conformidade com a estrita localidade exigida pela *conflation*. A matriz fonológica *cough* é transferida para V na operação JUNTAR  $V^0 \leftarrow R$  em (54a), gerando (54b), com o verbo visível na sintaxe.



Similarmente, em (53a), a matriz fonológica *box* é transferida para P na operação JUNTAR  $P \leftarrow N$  e então para V na operação JUNTAR  $V \leftarrow P$ , resultando em (55):



Um complemento não-visível é possível se é selecionado no sentido indicado na configuração em (55), isto é identificado como um hipônimo pelas propriedades semânticas inerentes no verbo governante. Segue-se, então, que o *light verb*, que faz parte da estrutura do verbo inergativo, não pode, em tese, licenciar um complemento visível porque o seu complemento se incorpora a ele.

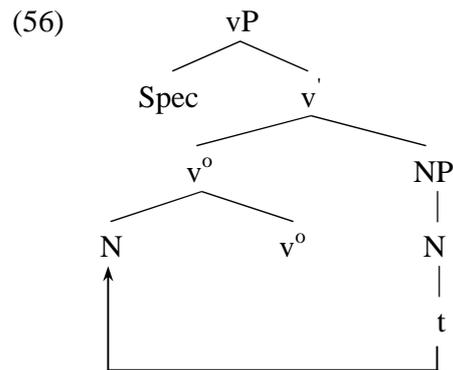
O problema inicial com relação à *conflation* essencialmente se evaporou, uma vez que o licenciamento de complementos nulos é apropriadamente entendido como um efeito da *selection*. Com essa realização, a ideia de que *conflation* envolve incorporação de um complemento dentro de um P ou de um V desaparece inteiramente da teoria da realização fonológica dos verbos. O que ocorre não é incorporação de núcleos, mas transferência de matrizes fonológicas de um núcleo para outro. Importante ressaltar que, embora Hale e Keyser (2002) tenham alargado sua proposta de modo a admitir que a transferência da matriz fonológica de um núcleo para outro seja restringida pela operação de *selection*, eles continuam adotando o nome *conflation* para descrever o que ocorre na formação dos verbos, que têm, para eles, uma estrutura argumental complexa.

A estrutura argumental complexa pode ser gerada a partir de múltiplas operações *conflation*, a saber:

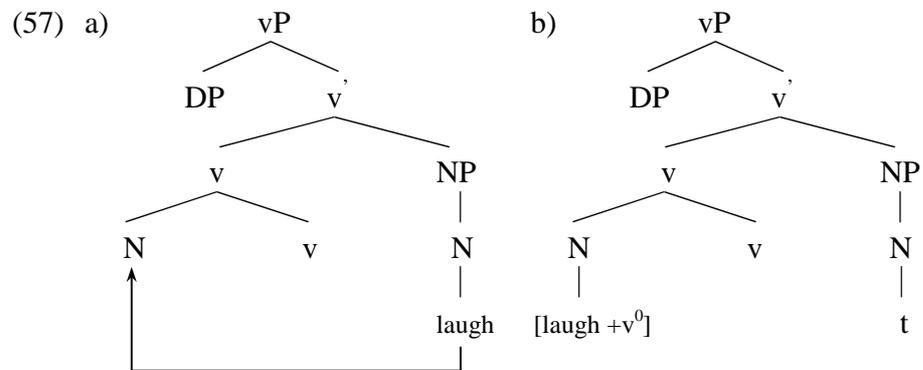
- v←N                    aqui temos formação de verbos denominais;
- v←V←P←N           aqui temos a formação de verbos de lugar (Locatum e Location verbs);
- v←V←A                aqui temos a formação de verbos deadjetivais;
- v←V                    aqui temos a formação de verbos causativos a partir de outro verbo não causativo.

Nesta perspectiva, os ditos verbos inergativos, por exemplo, são denominais, no sentido de que são formados pela operação de *conflation* do

núcleo  $N^0$  ao núcleo  $v^0$  que o seleciona, conforme demonstro pela representação em (56).



Verbos como *laugh*, *sneeze* e *dance* são formados pela operação de *conflation* ilustrada em (57).



Vemos, nas estruturas em (57), que o núcleo  $N^0$  se move para a posição de núcleo de  $v$  a fim de que sua matriz fonológica seja transferida para o núcleo  $v^0$ . Esse movimento, que é um tipo de operação variante de Mover- $\alpha$ , se

conforma ao princípio que restringe o processo de incorporação sintática, mais precisamente à restrição de movimento de núcleo (=The Head Movement Constraint)<sup>17</sup>, segundo a qual um núcleo  $X^0$  pode somente se mover para a posição do núcleo  $Y^0$  que o rege.

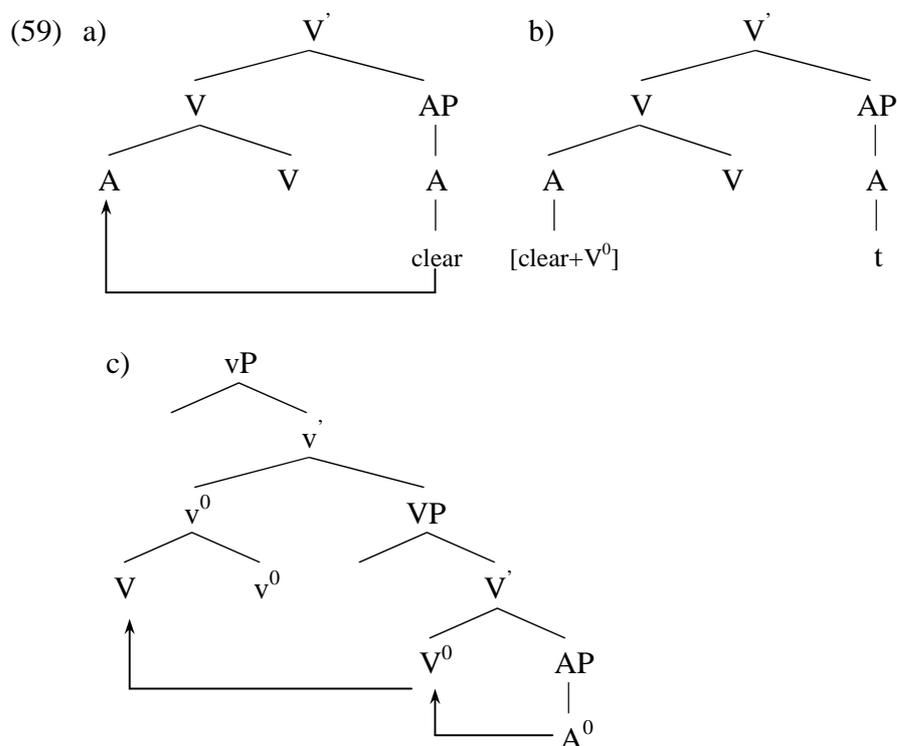
Há outro grupo de verbos, que são formados a partir da operação de *Conflation* de  $\{V^0 \leftarrow v^0 \leftarrow A^0\}$ . São os verbos deadjetivais, que expressam mudança de estado, exemplificados a seguir:

- (58) (a) The oven browned the roast.  
 (b) The storm cleared the air.  
 (c) The cook thinned the gravy.  
 (d) This narrows our options.

A estrutura em (59) mostra a formação do verbo *clear*, um deadjetival.

---

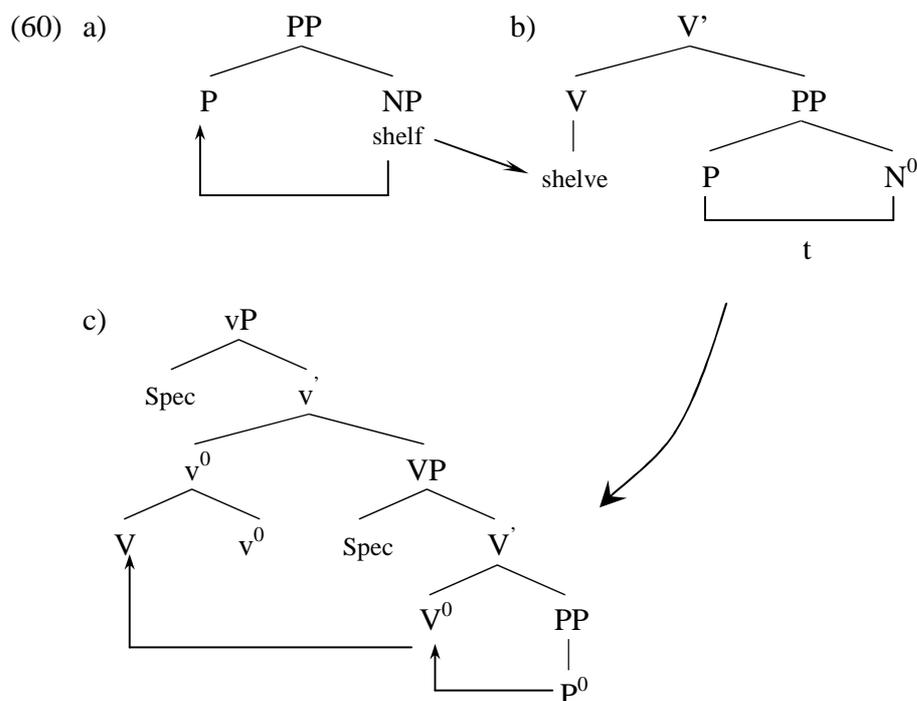
<sup>17</sup> The Head Movement Constraint: an  $X^0$  may only move into the  $Y^0$  that properly governs it.



Em (59), o adjetivo *clear* é lexicalmente inserido a partir do léxico no núcleo da projeção AP e, em seguida, se move para a posição de núcleo  $V^0$  e, depois, para núcleo  $v^0$ . Nesta posição, sua matriz fonológica é transferida para  $v^0$  resultando no verbo complexo  $[clear+v^0]$ . Esta operação se dá em função do fato de que o núcleo  $v^0$  não está realizado fonologicamente.

Em (60), a seguir, temos a representação do verbo “*shelve*”, o qual é formado a partir da operação de *conflation* de  $v^0 \leftarrow P^0 \leftarrow N^0$ . Hale e Keyser (1993) dividem esses itens em verbos de Localização e verbos de Locatum. Verbos de Localização e verbos de Locatum estabelecem entre si uma diferença semântica fundamental: os verbos de Localização não resultam na “incorporação” do objeto ao lugar em que é posto; já os de Locatum exigem que o objeto seja “incorporado” pelo lugar posto, de modo a se amoldar a ele.

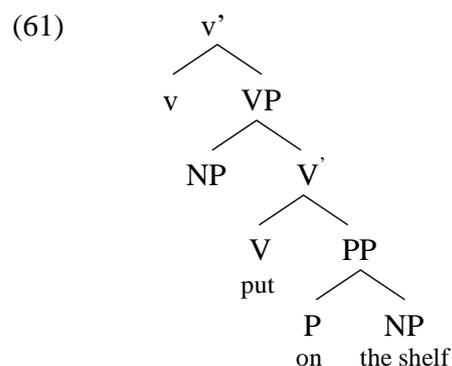
Na oração “I shelved the books” (=Eu coloquei os livros na estante), “os livros” não fazem parte da estante, não têm a forma dela e nem a ela precisam se amoldar. Já na oração “I saddled the horses” (=Eu selei os cavalos), a “sela” se incorpora ao corpo do cavalo, se amolda a ele, diferentemente do que ocorre com o exemplo anterior, de Localização. Como exemplos de verbos de Localização no inglês, cito *shelve* e *put*; exemplo de Locatum, *saddle*. A estrutura abstrata dos verbos do tipo de *saddle* é mostrada pela derivação proposta em (60).



Há, na verdade, três operações de *conflation* envolvidas na formação de verbos como *shelve*. Primeiro, o núcleo N representado fonologicamente pelo item “*shelf*” move-se para  $P^0$ , o núcleo mais próximo que o c-comanda. Depois,

o núcleo complexo formado pela preposição oca mais o nome se move para a posição de núcleo de  $V^0$ . Em outra etapa, o núcleo complexo N+P+V se move para o núcleo de  $v^0$  resultando, portanto, no verbo *shelve*. São, portanto, três operações de *conflation*.

Para Hale e Keyser, os verbos de Localização (location verbs) têm representação na estrutura argumental semelhante à de verbos como *put*, do inglês. Isso fica evidente a partir da representação proposta em (61) a seguir.



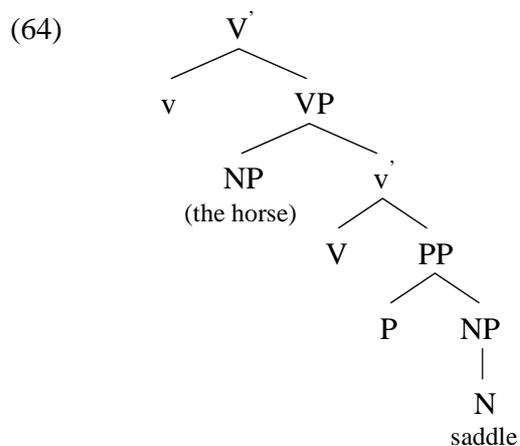
A estrutura em (61) apresenta o verbo *put* sintaticamente representado na posição de núcleo de  $V^0$ . O mesmo pode-se dizer da preposição *on*. Sendo assim, é impossível que ocorra a operação de *conflation*, já que o núcleo de PP já vem preenchido pela preposição *on*. Já a representação em (60c) traz vazia a posição do núcleo PP, podendo, portanto, ocorrer a operação de *conflation*  $P^0 + N^0$ , em que o nome se incorpora à preposição vazia. Sendo assim, na sentença em (62a), o verbo foi gerado a partir da operação de *conflation* ilustrada em (60c); já a sentença em (62b) ilustra o processo delineado na representação em (61), isto é, sem a operação de *conflation*. Assim sendo, uma oração como “I

*shelved the books*” é gerada a partir de uma estrutura semelhante a “*I put the books on the shelf*”, como ilustram os exemplos em (62).

- (62) (a) I shelved the books.  
(b) I put the books on the shelf.  
(c) Shelve = put on the shelf

Quanto aos Locatum Verbs, como já foi mencionado anteriormente, parece que se diferem dos verbos de localização por uma questão puramente semântica. Locatum, que quer dizer *colocado*, *posto*, *estabelecido*, diz respeito ao fato de esses verbos denotarem um evento em que o DP objeto<sub>+Afetado</sub> é literalmente posto, colocado, estabelecido em algum alvo durante a realização do evento, como exemplificado em (63) e (64).

- (63) (a) I saddled the horse.  
(b) I put the saddle on the horse.



Veja-se que a proposta de Hale e Keyser é inovadora, pois traz a inclusão de um  $vP$  superior, que tem como núcleo o verbo leve, formando assim uma estrutura bipartida, a qual é didaticamente rotulada como sendo a concha  $v-VP$ . Notem que essa estrutura demonstra que verbos podem ser formados a partir de núcleos de diversas naturezas categoriais. Em suma, a partir dessa proposta, Hale e Keyser afirmam que os verbos formam-se a partir de diferentes tipos de operações de *conflation*, as quais se dão entre um núcleo  $X^0$  de natureza  $N^0$ ,  $P^0$ ,  $V^0$  ou  $A^0$  e o verbo leve. O leitor verá que durante a execução deste trabalho, acompanharei o essencial do quadro teórico apresentado por esses autores. Na próxima seção, apresento a proposta de Cançado sobre a Hierarquia Temática.

## 2.6 Hierarquia Temática: A Proposta de Cançado

Cançado (2003; 2005) não trabalha com a definição tradicional de papel temático. Acredita que a definição tradicional não abarca propriedades semânticas mais sutis, relevantes à descrição gramatical.

A fim de formular uma nova proposta, Cançado (*idem*) faz uma releitura de Dowty (1989; 1991). Dowty decompõe os papéis temáticos em propriedades semânticas derivadas dos acarretamentos estabelecidos entre os itens lexicais. Entretanto, Cançado assume “uma direção inversa à do autor, que trata papéis temáticos enquanto uma noção *fuzzy* (não-discreta) e prototípica”. O interesse de Cançado está nas propriedades, enquanto noções discretas, que compõem os papéis temáticos.

Dowty defende que os papéis temáticos são advindos de acarretamentos entre os itens lexicais. Cançado, seguindo Franchi (1997), estende a proposta de Dowty. Para a autora, os papéis temáticos são atribuídos pelos acarretamentos da proposição inteira, não apenas dos itens lexicais.

*O papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que esse argumento encontra-se.*

(CANÇADO, 2005: 5)

Vejamos como Cançado explica sua proposta.

(65) João quebrou o vaso com um martelo.

O papel temático atribuído a *João* é o grupo de propriedades semânticas atribuídas a *João*, estabelecidas pelos acarretamentos decorrentes da proposição *João quebrar vaso com martelo*. Se é verdade que *João quebrou o vaso com um martelo*, então é necessariamente verdade que João:

- tem controle sobre o desencadeamento do processo;
- teve intenção de quebrar o vaso;
- e, conseqüentemente, é animado;
- usou um instrumento para tal ação; etc.

Cançado assume que o papel temático do argumento *João* em (65) é o grupo de propriedades listadas acima.

A proposta de Hierarquia temática apresentada por Cançado (2003, 2005) também é assumida nesta pesquisa. Segundo a autora, a motivação mais geral para uma Hierarquia Temática é a de expressar as generalizações sobre a ordem dos argumentos em um predicador: os argumentos mais baixos na hierarquia são compostos semanticamente antes com o predicador do que os argumentos correspondentes a papéis mais altos.

O Princípio da Hierarquia é construído não pelos papéis temáticos em si, mas pelas propriedades semânticas que os compõem. No modelo apresentado por Cançado não são os papéis temáticos que fazem parte da hierarquia, mas as propriedades semânticas que compõem esse papel.

Em um estudo empírico, Cançado observou que as propriedades semânticas mais relevantes se resumem em quatro: Desencadeador, Afetado, Estativo e Controle. Um argumento pode ter mais de uma propriedade semântica, de modo que nomenclaturas tais como Agente e Paciente são substituídas por Desencadeador e Afetado. Deste modo, o mesmo argumento pode ter mais de uma propriedade semântica, sendo o papel temático o conjunto delas.

(66) O pai casou a filha.

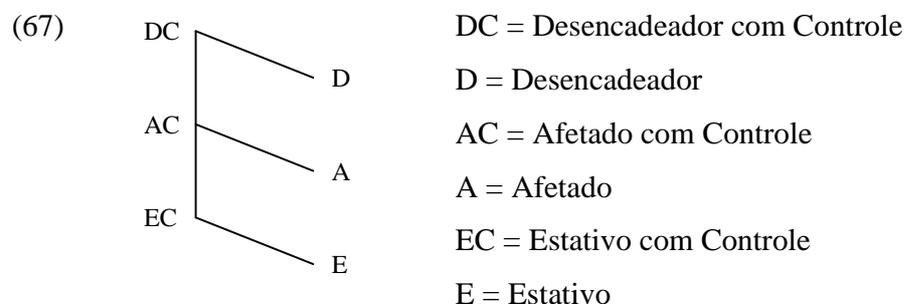
$$\left( \begin{array}{l} +\text{Desencadeador} \\ -\text{Afetado} \end{array} \right) \left( \begin{array}{l} +\text{Desencadeador} \\ +\text{Afetado} \end{array} \right)$$

Tal proposta não violaria o Critério- $\theta$ , já que, como mostra (66), os DPs nunca teriam *exatamente* as mesmas propriedades semânticas – pelo menos uma propriedade seria peculiar ao DP. Sendo assim, cada grupo de propriedades semânticas que compõe um papel temático é único.

Segundo Cançado, “desencadeador é somente uma propriedade que pode ser associada a outras propriedades, em um grupo específico de propriedades, chamado papel temático”.

Portanto, será assumido neste trabalho que papéis temáticos são feixes de propriedades semânticas, de modo que dois DPs podem ter propriedades semânticas semelhantes.

Na abordagem da referida autora, argumentos com a propriedade semântica [+Desencadeador] ocupam uma posição mais alta na Hierarquia Temática, mas argumentos com a propriedade [+Afetado] ocupam uma posição mais baixa. É o que mostra o diagrama em (67).

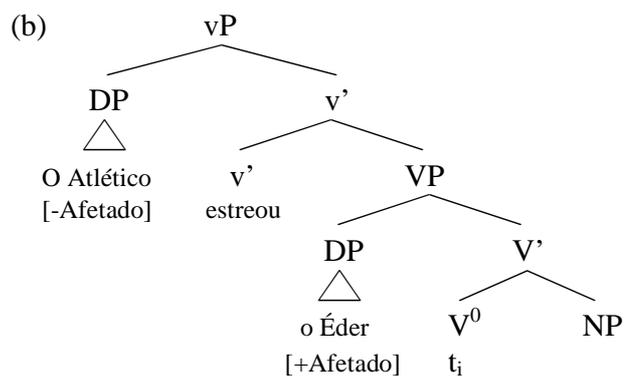


O diagrama em (67) permite-nos visualizar a ordem dos argumentos na Hierarquia Temática. Embora seja composto por seis elementos, somente quatro propriedades semânticas e suas combinações são usadas para seu estabelecimento.

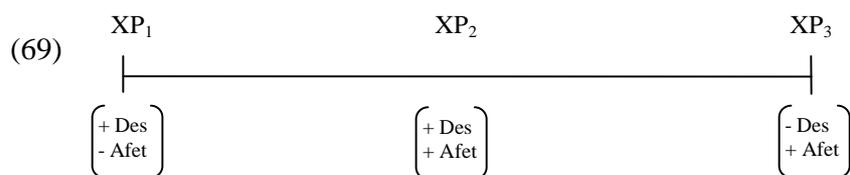
Assim, numa oração causativa sintética, o DP [+Desencadeador, -Afetado] ocupará a posição mais alta na hierarquia, isto é, será argumento externo, Spec de vP. Já o DP [+Desencadeador, +Afetado] ocupará uma posição mais baixa, ou seja, será argumento interno, Spec de VP.

Demonstro em (68), a seguir, a aplicação dessa proposta numa representação sintática.

- (68) (a) O Atlético estreou o Éder  
 $\left[ \begin{array}{l} +\text{Desenc.} \\ -\text{Afetado} \end{array} \right]$      $\left[ \begin{array}{l} +\text{Desenc.} \\ +\text{Afetado} \end{array} \right]$



Acompanhando a proposta de Cançado (2003; 2005), assumo, pois, que argumentos com a propriedade semântica [+Afetado] ocupam sempre uma posição mais baixa na Hierarquia Temática. Contudo, quando temos mais de um DP com o traço semântico de [+AFETADO], ocupará a posição mais baixa aquele que contiver o subtraço [-DESENCADEADOR], conforme podemos visualizar pelo o diagrama (69).



## CAPÍTULO 3

### PROPOSTA DE BITTENCOURT

As orações causativas têm sido tema de vários estudos no âmbito da Linguística Descritiva e Teórica [cf. Guasti, 1997; Bittencourt, 1995; 2001; Harley, 2007; dentre outros]. No entanto, esta seção apontará, brevemente, apenas o trabalho de Bittencourt (1995; 2001).

#### **3.1 A Proposta de Bittencourt: da conceituação das orações causativas**

Esta seção tem como objetivo apresentar ao leitor, mesmo que de forma resumida, a proposta teórica de Bittencourt (1995; 2001).

Bittencourt (1995; 2001), numa abordagem teórica mista em que se associam pressupostos da Gramática Tradicional, da Gramática Funcional e alguns subsídios da Gramática Gerativa, apresenta um estudo do grupo lexical das estruturas causativas no PB. Nesse estudo, Bittencourt busca examinar o perfil formal das estruturas causativas, suas particularidades semânticas e o efeito de sentido que carregam segundo as intenções do falante.

Num primeiro momento, a autora tece comentários acerca da noção de causatividade, tal como encontrada na literatura. Vagos e inconsistentes, os conceitos tradicionais de causatividade expõem sua fragilidade quando confrontados com dados da língua. Alguns destes conceitos foram apresentados e discutidos na introdução deste texto. Segundo Bittencourt,

*“A concepção de causatividade veiculada nas nossas gramáticas tradicionais e nos dicionários especializados só pode ser obtida de um modo indireto, a partir da definição dada às formas causativas, tanto de configuração analítica (mais comumente referidas), quanto de conformação sintética. Embora não haja uma menção explícita dos elementos integrantes do ato causativo, Causador e Causado, e se mesclêm, muitas vezes, papéis sintáticos com semânticos, a ideia predominante nos autores consultados é que o verbo causativo tem como sujeito, ou Causador, um elemento idealizador de um evento que é efetivamente realizado por um outro agente, o Causado”.*

*(BITTENCOURT, 1995:47-48)*

Bittencourt, “ciente da extrema complexidade do processo da causação”<sup>18</sup>, procura esclarecer a posição que assume em seu trabalho. Para tanto, lança mão das ideias de Shibatani (1976), sintetizadas por ela e repetidas neste texto, a seguir.

- a) a situação causativa é constituída de dois eventos;
- b) existe uma relação temporal entre eles, de tal modo que o evento causado realiza-se num tempo 2, ou seja, depois do tempo 1, que é o do evento causador;
- c) existe uma relação de dependência entre os dois eventos, a saber: a ocorrência do “evento causado” é completamente dependente da ocorrência do “evento causador” – o que significa que o primeiro não se verifica num tempo particular, se o segundo ainda não tiver ocorrido;
- d) a gama de variação semântico-funcional expressa pelas diferentes formas explica-se pelo nível e modo de participação dos integrantes do processo causativo, que são o Causador e o Causado.

*(BITTENCOURT, 2001:170)*

A proposta de Shibatani, consoante Bittencourt, tem base na caracterização da situação causativa, ancorada na perspectiva do falante, sendo,

---

<sup>18</sup> Bittencourt (2001: 168).

portanto, mais abrangente de modo a acomodar os dados do PB; como exemplificado em (70) e (71), a seguir.<sup>19</sup>

	Fase causadora tempo 1
(70) Essa notícia é uma verdadeira bomba que <b>vai fazer</b> a gente <b>vender</b> toda a tiragem da revista.	
Fase causada tempo 2	

	Fase causadora tempo 1	Fase causada tempo 2
(71) Como os quadros de Heleno <b>fazem</b> a gente <b>gostar</b> de pintura!		

Em (70) e (71) fica claro que a situação causativa se constitui de dois eventos ou duas fases: a fase causadora e a fase causada. A ocorrência da fase causada depende fortemente da presença, num tempo anterior, da fase causadora.

A voluntariedade (ou não) do causador não é aspecto relevante na visão de Bittencourt. Assim, segundo ela,

*“a consequência é a admissão de um conceito de causatividade multifacetado, que abarca um vasto leque de padrões semânticos, que se definem por traços como [ $\pm$  humano], [ $\pm$  animado], [ $\pm$  voluntariedade], relativos aos seus participantes básicos: causador e causado”.*

*(BITTENCOURT, 2001:171).*

---

<sup>19</sup> Exemplos de Bittencourt (1995; 2001).

Ainda sobre o processo da causação, Bittencourt afirma que ele admite superposição (ou auto-encaixe) de relações causativas, podendo o segundo momento da causatividade ser constituído de uma nova situação causativa e, conseqüentemente, um causador e um causado.

(72) Mamãe não deixou que papai me fizesse engolir toda aquela sopa.

(73) Antes de mais nada, é preciso fazer o moleque descer os livros da estante.

Em (72), vemos o encaixe de uma situação causativa analítica; em (73), uma causativa sintética. Em vista dos fatos, a autora formula uma definição de causatividade que norteará todo o seu texto.

*“(...) a causatividade é um processo que compreende: a) dois eventos (ou uma situação e um evento) – causador e causado – que podem ser expressos separadamente em duas orações distintas, ou, num evento único, superposto, ou não, a uma outra relação causativa; b) dois protagonistas, Causador e Causado, que, qualificados como [ $\pm$  animado], apresentam um grau variável de participação da ação, processo ou acontecimento”.*

*(BITTENCOURT, 2001:172,173)*

### 3.1.1 Taxonomia

Valendo-se de abordagens teóricas anteriores [cf. Shibatani (1975; 1976); Lyons (1979)], Bittencourt (2001:179) divide as orações causativas no PB em três subgrupos principais: (i) Estruturas analíticas, (ii) Estruturas semi-analíticas e (iii) Estruturas sintéticas. O Quadro 1 a seguir, elaborado por Bittencourt (2001:179), permite-nos visualizar a taxonomia das orações causativas, tal como propõe a autora

#### **Quadro 1 - Distribuição das Estruturas Causativas do PB Segundo Critério Formal**

---

1. Estruturas analíticas:	
1.1 verbo causativo + oração finita (de subjuntivo)	
<i>Ex.: Os PMs fizeram com que os caras pintadas lavassem o rosto.</i>	
1.2 verbo causativo + causativo nominativo + infinitivo	
<i>Ex.: Os PMs fizeram os caras pintadas lavar o rosto.</i>	
<hr/>	
2. Estruturas semi-analíticas:	
2.1 verbo causativo + infinitivo	
2.1.1 com causado acusativo	
<i>Ex.: Os grevistas fizeram ver ao patrão o quanto estava sendo radical.</i>	
2.1.2 com causado oblíquo	
(em obsolescência no português brasileiro)	
2.1.2.1 Dativo	
<i>Ex.: O juiz Lalau fez construir um prédio faraônico por uma empresa famosa.</i>	
2.1.2.2 não-dativo	
2.2 de mini-orção (“small clauses”)	
<i>Ex.: O afastamento de Collor deixou o país aliviado.</i>	

---

**Quadro 2 - Distribuição das Estruturas Causativas do PB Segundo  
Critério Formal (continuação)**

---

3. Estruturas sintéticas:

3.1 derivadas morfológicamente

3.1.1 por prefixação

*Ex.: O calor esquentou o teto do carro.*

3.1.2 por sufixação

*Ex.: O governo dolarizou a economia.*

3.1.3 por parassíntese / dupla derivação

*Ex.: Os problemas enlouqueceram Maria.*

3.2 heterônimas

*Ex.: A menina morreu o passarinho.*

3.3 homônimas

*Ex.: O menino sumiu a chave.*

3.4 outras

---

Adaptado de Bittencourt, 2001.

Entretanto, a autora adverte que o quadro acima não deve ser interpretado como reflexo da situação real de uso das formas na língua. Avisa, também, que a “causativação só se define no contexto integrado por um sujeito Causador, um verbo causativo (ou causativizado) e um objeto Causado”.

### 3.1.2 Do Estatuto Teórico

Como exposto na seção 3.2.1, Bittencourt separa as orações causativas em três subgrupos principais. Irei, agora, reproduzir o essencial da definição desses subgrupos, tal como em Bittencourt (1995; 2001)<sup>20</sup>.

- (i) **Causativas analíticas** : estruturas com complementação oracional que se configuram como bi-oracionais nas estruturas -P e -S , sem qualquer constituinte subordinado ligado por algum laço com o verbo principal (atribuição causal, posição do clítico, etc). Dividem-se em dois tipos: oração encaixada no subjuntivo e de infinitivo com causado nominativo. Em ambos os tipos, o verbo causativo FAZER é ponto de referência para sua descrição semântica e sintática, conforme a sentença em (74).

- (74) a) Os seguranças fizeram (com) que os caras pintadas lavassem o rosto. (encaixada no subjuntivo)  
 b) Os seguranças fizeram eles lavar(em) o rosto. (infinitivo)

- (ii) **Causativas semi-analíticas**: embora envolvam complementação proposicional (com predicado verbal ou não) como as analíticas, diversamente destas, elas se caracterizam por apresentar, de algum modo, relações mais estreitas com a oração principal, sobretudo

---

<sup>20</sup> Os exemplos dessa seção são de Bittencourt (1995).

com o seu predicado causativo, tal como se vê pelos exemplos a seguir.

- (75) a) Armados até os dentes, os meganhas nos fizeram comer até capim.  
b) O assassinato brutal da minha filha me fez ir a Brasília atrás de justiça.

(iii) **Causativas sintéticas:** ao contrário dos dois tipos anteriores, as causativas sintéticas não envolvem um complexo biclausular, codificando, pois, numa única oração, as fases causadora e causada do processo de causatividade. Expressam, preferentemente, a causação direta, em que se tem uma atuação efetiva do Causador sobre um Causado nitidamente Paciente, isto é, objeto da ação daquele. No entanto, nada impede que o Causado seja revestido de agentividade, co-participando da ação empreendida (direta ou indiretamente) pelo Causador. As orações em (76) e (77) são exemplos deste tipo de causativa.

(76) Graças a Deus estudei todos os meus filhos!

(77) O cão, a gente tem que pular ele pra ele ficar bem treinado.

Apresentados os tipos de orações causativas coletados por Bittencourt (1995; 2001), retomo com mais atenção o terceiro subtipo: as causativas sintéticas. É esse o subtipo de maior interesse desta pesquisa. No próximo capítulo, procedo, portanto, à descrição do fenômeno, isto é, das casusativas sintéticas no PB.

## CAPÍTULO 4

### AS CAUSATIVAS SINTÉTICAS NO PB: DESCRIÇÃO DO FENÔMENO

Na introdução desta dissertação, procurei avisar ao leitor que o maior objetivo deste texto era descrever as estruturas causativas sintéticas no PB, em especial no dialeto mineiro, valendo-me de abordagens advindas da Semântica, da Sintaxe Gerativa e de uma interface Sintaxe-Semântica.

Como já comentado no decorrer da pesquisa, o estudo das orações causativas sintéticas à luz de uma abordagem tradicional é falho e inconsistente. Estudá-las requer uma convergência de áreas – Linguística, Filosofia (a natureza da causação) e Antropologia Cognitiva (percepção humana e categorização da causação).

No que tange à Linguística, a compreensão das orações causativas envolve a interação entre os componentes semântico, sintático e morfológico. Comrie afirma que o motivo do recente interesse no estudo da causatividade é que seu estudo envolve a interação entre sintaxe formal e análise semântica e, em muitos casos, a correlação de parâmetros sintáticos e formais<sup>21</sup>.

Sendo assim, julgo importante para este trabalho estabelecer o estatuto semântico das orações causativas. Início essa tarefa por definir em termos semânticos as orações causativas.

---

<sup>21</sup> Comrie (1981:159): “(...) is that their study involves the interaction of formal syntax and semantic analysis, and in many instances the correlation of formal and semantic parameters”.

#### 4.1 Definindo o Objeto de Estudo

*Causativo: termo usado na descrição gramatical para indicar uma relação causal entre versões alternativas de uma sentença. Por exemplo, as frases **o gato matou o rato** e **o rato morreu** estão associadas, pois o verbo transitivo matar pode ser visto como uma versão “causativa” de **morrer** ( o gato causou a morte do rato). (...) Em português, chama-se causativo ao verbo cujo sujeito não é o agente da ação indicada pelo sintagma verbal, mas é o idealizador dela, como no exemplo: **Pedro mandou pintar a casa**, em que o sujeito (Pedro) foi o causador da ação de **pintar** mas não o fez com as próprias mãos.*

(CRYSTAL, 1988:44)

Usarei a definição de causatividade apresentada por Crystal (1988), acima, e os pressupostos teóricos trazidos por Comrie (1981) para investigar o estatuto semântico das construções causativas.

Segundo Crystal (*idem*), causatividade refere-se à relação causal que se estabelece entre versões de uma mesma sentença. Comrie (*idem*) parece dizer a mesma coisa, valendo-se de outras palavras. Para ele, qualquer situação causativa envolve duas situações componentes, a *causa* e seu *efeito*; como vemos em (78)<sup>22</sup>.

- (78) (a) The bus fails to turn up.  
 (b) I am late for a meeting.  
 (c) The bus's failure to come caused me to be late for the meeting.

---

<sup>22</sup> Exemplos de Comrie (1981:158)

As sentenças (78a) e (78b) descrevem duas micro-situações. Essas duas micro-situações combinam-se formando uma única e complexa macro-situação em que (78a) desempenha a função de *causa* e (78b), seu *efeito* ou *resultado*. Geralmente, a *causa* pode ser abreviada, dando origem a sentenças como (79).

(79) John caused me to be late.

Em (79), o efeito ('eu estar atrasado') é claro, mas a expressão da causa foi abreviada, de modo que não é possível saber ao certo que ação particular de John fez com que eu me atrasasse. John, portanto, é a *causa* do meu atraso. A noção de *causa* merece uma atenção especial nesta pesquisa. Há várias maneiras de se expressar uma situação causativa – seja em inglês ou em qualquer outra língua. Pode-se, por exemplo, usar conjunções causativas ou resultativas (because / porque, so that / de modo que) ou preposições (because of / devido a). Pode-se inclusive lançar mão de um predicado que traga em si a noção de causa, como em *João matou José*, que pode ser decomposto em uma causa – alguma ação de João, não especificada – e um efeito – a morte de José.

Há, então, construções causativas em que a noção da causação está contida no predicado – seja em um predicado de causação separado como no inglês *cause*, no francês *faire* ou no português *causar*, *provocar*, *fazer*, ou com a causação sendo parte do componente semântico do predicado (kill / mata, por exemplo). Comrie (1981) denomina *causações predicacionais* (predicational causation) os tipos de expressão da causatividade mencionados acima. Como já mencionado neste trabalho, o estudo das orações causativas envolve a interação entre sintaxe, semântica e morfologia. Só assim é possível delinear os

parâmetros relevantes em tais construções. Começemos, então, a explicar os parâmetros formais que compõem as orações causativas.

## 4.2 Parâmetros Formais

Há uma relação formal entre a expressão da macro-situação causativa e a micro-situação resultante, conforme demonstro em (80).

(80) Macro-situação	→	micro-situação
Cause to die		die
Fazer morrer		morrer
Kill / matar		die / morrer

Seguindo um parâmetro morfológico, Comrie divide as orações causativas em três tipos, no que concerne à expressão da causatividade: analíticas, morfológicas e lexicais.

#### 4.2.1 As Orações Causativas Analíticas

O caso prototípico de orações causativas no PB é o da oração causativa analítica. Neste tipo, há predicados separados expressando a noção de causa e de efeito. As orações em (81) são exemplos de orações causativas analíticas.

- (81) (a) A professora fez o menino copiar o exercício.  
(b) A chuva forte fez o barraco cair.  
(c) A Luma mandou a costureira fazer o vestido.  
(d) O pai fez a filha casar.  
(e) O pai fez o filho estudar.

Em (81), há predicados separados para expressar a *causa* e o *efeito*. Em (81a), por exemplo, o predicado *fez* corresponde à fase causadora, isto é, a causa, enquanto *copiar* corresponde ao efeito.

No capítulo 3, vimos que Bittencourt (1995; 2005) ancora a situação causativa na perspectiva do falante. Propõe que a situação causativa se constitui de dois eventos ou duas fases: a fase causadora e a fase causada, sendo que a ocorrência da fase causada depende fortemente da fase anterior como deixa entrever o exemplo (70), repetido a seguir como (82).

Fase causadora  
tempo 1
Fase causada  
tempo 2

(82) Essa notícia vai fazer a gente vender toda a tiragem da revista.

É fácil perceber que em orações causativas analíticas um verbo causativo MANDAR / FAZER / PROVOCAR aparece realizado morfologicamente, de modo a constituir um predicado separado – mais especificamente a *causa* ou, conforme Bittencourt, a *fase causadora*. Vejamos agora o segundo tipo de causativa: as morfológicas.

#### 4.2.2 Orações Causativas Morfológicas

As orações causativas morfológicas têm as seguintes características:

- (i) a noção da causação é conseguida por meio de meios morfológicos, por exemplo, afixação ou qualquer outro recurso morfológico que uma língua disponibilizar. No caso do PB, a afixação é o meio produtivo de expressar a causação (*embebedar*, *engravidar*, *embelezar*).
- (ii) os meios de relacionar predicados causativos e não-causativos é produtivo nas causativas morfológicas: pode-se tomar um predicado e formar um causativo a partir dele por meio de recursos morfológicos (beber → em + beber + dar = embebedar).

Em (83), a seguir, arrolo exemplos de orações causativas morfológicas.

- (83) (a) O rapaz engravidou a namorada.  
(b) João embebedou o amigo.  
(c) A maquiagem embelezou a mulher.

Percebam que em (83) todas as orações apresentam causador e causado ou causa e efeito, mas não trazem verbos causativos em sua morfologia tal como visto nas causativas analíticas. Uma possibilidade de análise é propormos que em construções causativas morfológicas o afixo é o responsável pela formação morfológica do verbo causativo e a conseqüente ocorrência dos dois eventos ou fases – causa e efeito, como deixa entrever os exemplos em (84).

- (84) (a) José bebeu a noite toda. (não causativa)  
(b) José **embebedou** o amigo. (causativa)

Bittencourt (1995; 2004) reconheceu o papel fundamental desses afixos na causativização de verbos. Chama-os, portanto, prefixos causativos. Entretanto, a simples aposição de morfemas a radicais verbais ou nominais não implica uma instauração automática da leitura causativa. A derivação apenas permite que o novo item verbal integre uma relação causativa<sup>23</sup>. Seguindo essa

---

<sup>23</sup> O Apêndice 2 desta dissertação arrola os principais afixos causativos no PB.

linha de raciocínio, Bittencourt toma como exemplo o adjetivo *podre*, a fim de demonstrar que a derivação não é suficiente para garantir a causativização de um item.

*“Com a adjunção parassintética do prefixo A- e do sufixo – EC(CER), temos, num primeiro momento, o verbo apodrecer, que seleciona argumento interno afetado (ex. “A laranja apodreceu”). Esse verbo pode ter a posição preenchida por um Causador (agentivo, ou não) permanecendo o seu argumento interno (laranja) na posição de objeto direto (“A umidade apodreceu a laranja”).”*

*(BITTENCOURT, 1995:185)*

A seção a seguir tratará do terceiro tipo de orações causativas segundo a tipologia de Comrie: as causativas Lexicais.

#### **4.2.3 Orações Causativas Lexicais**

As orações causativas lexicais têm características em comum aos outros dois tipos estudados: (i) apresentam duas fases ou eventos, (ii) a fase causada (efeito) depende da fase causadora (causa); e (iii) não trazem um verbo causativo MANDAR / FAZER / PROVOCAR realizado na morfologia. Há, entretanto, algo de peculiar na formação das causativas lexicais: a expressão da causa não é realizada por meios morfológicos (afixos), mas por propriedades lexicais. Note os verbos arrolados em (85).

(85) (a) morrer / matar

(b) cair / derrubar

(c) sair / tirar

Perceba que não há regularidade entre as duas formas verbais, entre a forma não-causativa e a forma causativa, não há regra que regule o par causativo de *morrer*, isto é, *matar*. Não há como derivar morfologicamente a forma causativa *matar* a partir da forma não-causativa *morrer*. A noção da causação precisa vir codificada no léxico. Remeto o leitor ao Apêndice 1 desta dissertação para perceber algo interessante e que tem se tornado recorrente na língua: mesmo que a língua disponibilize o par causativo para a formação de sentenças, o falante tem escolhido o par não-causativo para compor causativas sintéticas.

A partir do exposto neste trabalho a respeito da tipologia das orações causativas, poderíamos ser levados a supor que tais construções são regulares, de fácil taxonomia. Todavia, os dados nos mostram o contrário. Há construções intermediárias que não são causativas analíticas nem morfológicas. É sobre esse tipo de causativa intermediária que tratará a próxima seção.

#### 4.2.4 Uma Construção Intermediária

Comrie (1981) afirma que há um tipo de construção causativa intermediária, entre a analítica e morfológica. É o caso das construções com *faire*, do francês.

- (86) J'ai fait courir Paul  
(Eu fiz Paul correr)

À primeira vista, a sentença em (86) poderia ser classificada como causativa analítica, já que traz em sua morfologia o verbo causativo *faire*. Além disso, apresenta predicados separados: *faire* expressando *causa* e *courir* expressando o *efeito*. Entretanto, quando comparamos a sentença em (86) com outras em que há claramente dois predicados, a hipótese de que (86) seja causativa analítica se dissolve. Segundo Comrie, “quando há dois predicados em francês, cada um terá seu próprio conjunto de NP argumentos”<sup>24</sup>.

- (87) J'ai demandé à Paul de courir.  
(Eu pedi a Paul que corresse)

- (88) J'ai demandé à Paul de manger les pommes.  
(Eu pedi a Paul que comesse as maçãs)

---

<sup>24</sup> COMRIE (1981, p. 162): “In general, where there are two predicates in French, each will take its own set of noun phrase arguments.”

As sentenças (87) e (88) mostram que o verbo *demander* (pedir) seleciona, além do sujeito, um objeto indireto com a preposição *à*. Nas construções de infinitivo, o sujeito é omitido, mas há situações em que o objeto direto é exigido ou não, dependendo do verbo: *courir* é intransitivo, mas com o verbo transitivo *manger* encontramos o objeto direto *les pommes*, como em (88). As construções com *faire*, como em (86), são muito diferentes destas supracitadas. Apesar da presença de duas palavras, *faire* e o infinitivo dependente, esse complexo se comporta como um único predicado. Não é possível que nada seja inserido entre as duas palavras. Na sentença (86), *faire courir* funciona como um único complexo, sendo *Paul* o objeto desse complexo como um todo. Guasti (1997) também chegou à conclusão de que há verbos que funcionam como um único complexo. Em seu estudo sobre as línguas românicas, em especial o Italiano, Guasti mostra que há evidências para um verbo sintaticamente complexo, tal como deixam entrever os exemplos a seguir<sup>25</sup>.

(89) Elena há fatto lavorare Gianni.  
Elena fez trabalhar Gianni  
“Elena fez Gianni trabalhar”

(90) Elena fa riparare la macchina a Gianni.  
Elena faz consertar o carro a Gianni  
“Elena fez Gianni consertar o carro”

Guasti (1997) afirma que nada pode ser inserido entre o complexo verbal “fatto lavorare” e “fa riparare”, já que nada pode interromper a

---

<sup>25</sup> Exemplos de Guasti (1997).

adjacência entre o verbo causativo (“fa” e “fatto”) e o verbo no infinitivo. Isso significa que esses verbos contam como uma unidade, como um único verbo para a sintaxe.

Percebemos, então, que a distinção entre as construções causativas, tal como propõe Comrie (1981), é um contínuo – em termos formais uma construção pode parecer pertencer a uma determinada classe, mas uma investigação mais detalhada de seu comportamento pode mostrar que pertence a um tipo intermediário.

### 4.3 As Orações Causativas Sintéticas

Na seção 4.2 deste trabalho, apresentei de forma sucinta a taxonomia das orações causativas proposta por Comrie (1981). Gostaria de trazer à tona exemplos de causativas não abordados por Comrie em sua taxonomia. Observemos as sentenças em (91).

- (91) a) Ela *viajou* o noivo pro Rio e caiu na gandaia.  
b) Espera um pouco que eu *subo* você aí.  
c) O pai *casou* a filha bem.  
d) O pai *estudou* os dez filhos.

Os verbos destacados em (91) não são derivados de processos morfológicos, como afixação, a fim de denotarem a noção da causação. Não são, portanto, exemplos de causativas morfológicas. Também não trazem, em sua estrutura, um verbo causativo MANDAR / FAZER / PROVOCAR realizado fonologicamente – não podem ser causativas analíticas. Tampouco são causativas lexicais, já que os verbos destacados não correspondem à forma causativa do par não-causativo. No entanto, podemos depreender das sentenças em (91), repetidas a seguir como (92), uma leitura causativa, tal como propõe Comrie.

- (92) a) Ela viajou o noivo = ela fez o noivo viajar.  
 b) Eu subo você aí = eu faço você subir.  
 c) O pai casou a filha = o pai fez a filha casar.  
 d) O pai estudou os dez filhos = o pai fez os dez filhos estudar.

As duas fases da causatividade – a fase causadora (causa) e a fase causada (efeito) – estão presentes na estrutura, não deixando dúvida de que são construções causativas. Neste tipo de oração causativa, duas cenas ou eventos distintos são unidos, condensados em um só. O verbo age como condensador desses dois eventos, como podemos notar nos desdobramentos a seguir:

- (93) Evento 1: a) Ela fez algo para ocasionar a viagem do noivo.  
 Evento 2: b) O noivo viajou.  
 Evento 1+Evento 2: c) Ela viajou o noivo.

Como vemos em (93), há uma incorporação de cenas ou eventos por meio de um mecanismo sintático desencadeado pelo verbo. A construção dos lugares sintáticos favorece uma minimalização, isto é, duas orações são unidas por um mesmo predicador, permanecendo preenchidos os lugares sintáticos de sujeito e objeto. Interessante notar que o sintagma sujeito da oração que expressa o evento 2 aparece na oração causativa ocupando a posição de objeto.

(94) a) **O noivo** viajou.

Sujeito  
[+Des/-Afet]

b) Ela viajou **o noivo**.

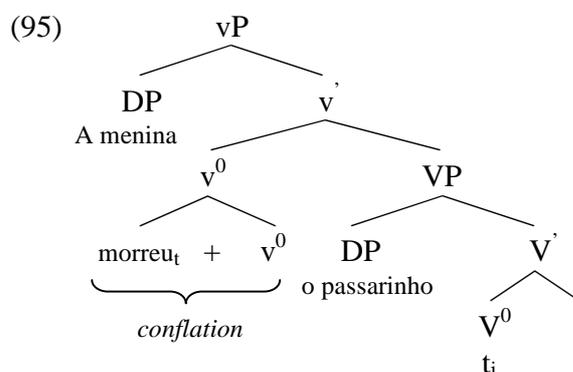
objeto  
[+Des/+Afet]

O verbo causativizado, antes monoargumental, exigirá preenchidas as posições sintáticas de sujeito e objeto.

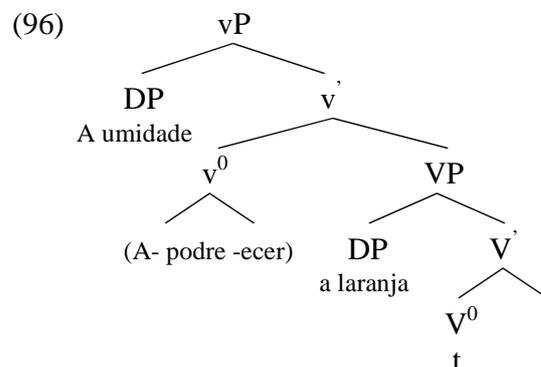
Neste trabalho, lanço mão dos pressupostos encontrados em Bittencourt bem como daqueles em Comrie, mas não os adoto plenamente. Denomino causativas sintéticas as orações arroladas em (91). Por razões de metodologia, incluo entre as causativas sintéticas as morfológicas e as lexicais. Para fins de trabalho, assumo que há apenas dois tipos de orações causativas: as analíticas (com o verbo causativo realizado) e as sintéticas (sem o verbo causativo realizado).

Falta-nos, entretanto, uma definição em termos sintáticos das orações causativas sintéticas. Foi dito, neste texto, que seguimos pressupostos teóricos da Gramática Gerativa bem como a hipótese do VP complexo, como em Hale e

Keyser (1993;2002). Estes últimos propõem que os verbos têm uma estrutura argumental complexa, envolvendo dois núcleos: um  $v^0$  causativo e um  $X^0$  ( $A^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$ ,  $V^0$ ). O núcleo  $v^0$ , o verbo leve, é de natureza causativa. Às vezes, aparece realizado fonologicamente, outras, não. Direi que as causativas sintéticas são formadas por meio da operação de *conflation* de  $v^0 \leftarrow X^0$ . Por esta razão, assumirei que, se não há *conflation* com  $v^0$ , não há causativa sintética. O diagrama a seguir ilustra minha afirmação.



A formação da estrutura causativa delineada em (95), acima, não envolveu aposição de morfemas (afixos ou sufixos). O verbo leve,  $v^0$ , não estava realizado fonologicamente, permitindo, assim, a ocorrência da *conflation* e a posterior causativização do verbo. Nos casos em que a formação de causativas sintéticas envolve recursos morfológicos, uma possibilidade de análise seria assumir que ao sofrer *conflation* durante sua derivação, *apodrecer* se causativiza, permitindo o preenchimento dos lugares sintáticos do sujeito e do objeto, como fica evidente pelo diagrama em (96).



O mesmo poder-se-ia dizer de verbos como: embebedar, embelezar, engravidar, amanhecer, amadurecer, etc. Ao sofrerem *conflation* no seu processo de derivação, ficariam abalizados a figurar em orações causativas sintéticas, como mostram as sentenças a seguir.

- (97) a) O rapaz engravidou a namorada.  
 b) Zé embebedou a menina.  
 c) O sabão embranqueceu a roupa.

Observemos agora os exemplos em (98) e (99).

- (98) a) A menina matou o passarinho.  
 b) A menina morreu o passarinho.

(99) a) Não consigo tirar a cortina.

b) Não consigo sair a cortina.

A observação dos dados em (98) e (99) suscita uma questão intrigante: por que o par não causativo tem sido usado na formação de orações causativas sintéticas se há o par causativo disponível para tal uso? Parece que essa é uma questão que só pode ser respondida se for ancorada na perspectiva do falante. Em (98a), o falante elege o DP *a menina*, Desencadeador da ação, como foco da sentença; em (98b), o foco desloca-se para o DP [Afetado], *o passarinho*. Tudo leva a crer que tal uso tem correlação com as intenções do falante. Mas essa também é outra questão que requer mais estudo. Somente uma pesquisa voltada para as situações de fala teria como fornecer uma resposta consistente e satisfatória a essa pergunta. Por ora, deixo o leitor apenas com minhas vagas intuições. A coleta dos dados revelou ainda que as causativas sintéticas no PB podem ser subdividas em pelo menos três subgrupos: (i) causativas sintéticas a partir de inacusativos, (ii) causativas sintéticas a partir de inergativos e (iii) causativas sintéticas a partir de transitivos. A próxima seção descreverá cada um dos subtipos de orações causativas sintéticas mencionados acima.

#### *4.3.1 Causativas Sintéticas a partir de Inacusativos*

As causativas sintéticas a partir de verbos inacusativos constituem o maior número de exemplos na coleta de dados que fizemos<sup>26</sup>. São exemplos de causativas a partir de inacusativos:

(100) O aumento do faturamento aumentou o salário.

(101) O tempo amadureceu as frutas.

(102) O advogado aposentou meu pai.

(103) O outro tapete ia aparecer muito a sujeira.

(104) O xampu que brilha o cabelo é o Revlon.

Vem de Perlmutter (1978) a distinção dos verbos intransitivos em inergativos e inacusativos. Consoante Chierici (2008), esses dois tipos de verbos têm em comum o fato de requererem apenas um argumento que, sintaticamente, ocupa a posição superficial de Spec de IP (i.e. sujeito da oração). Burzio (1986) incorpora a “hipótese de inacusatividade” de Perlmutter, na gramática gerativa, formalizando a distinção entre as duas classes de verbos.

---

<sup>26</sup> Para mais exemplos remeto o leitor ao Apêndice 1, Tipo 4, dessa dissertação.

É voz corrente na literatura que os verbos inacusativos não selecionam um argumento com papel semântico de Desencadeador, mas sim, de Afetado.

*“(...) verbos que selecionam um só argumento com papel temático associado, geralmente, à posição de objeto são inacusativos. (...) sendo o argumento de um verbo inacusativo um objeto em sua origem. (...) a expectativa é de que encontremos para o argumento de um verbo inacusativo a propriedade de Afetado”.*

*(CANÇADO & CIRÍACO, 2004:208, 209)*

São exemplos de verbos inacusativos: *cair, adiantar, chegar, brilhar, arder, doer, sair*, etc. Os verbos inacusativos têm outra característica definitiva: não atribuem caso abstrato acusativo ao seu argumento – por isso, eles são denominados de **inacusativos** pela literatura gerativa, mais particularmente pelo teoria de Caso. Sendo assim, o argumento interno que é gerado na posição de objeto deve ser movido para a posição de sujeito da oração, Spec de IP, a fim de receber caso estrutural.

Embora muitos considerem as orações causativas oriundas de inacusativos como sendo marginal na linguagem adulta, Bittencourt (1995:182) afirma que “não se pode deixar de reconhecer a sua gradual expansão no PB, que pode ser atestada não só pela sua taxa de uso, como pelo alargamento do inventário de itens atingidos”.

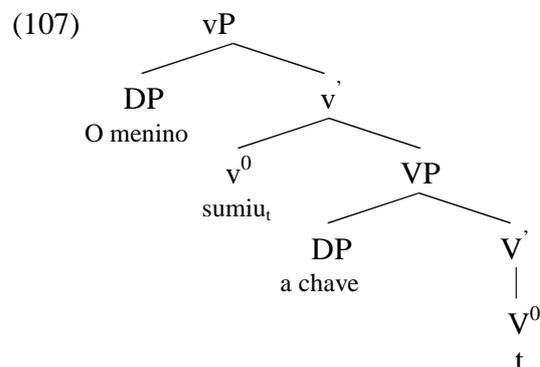
Devido a essa “gradual expansão” da ocorrência de verbos inacusativos causativizados no PB, julgamos relevante não excluí-los, mas juntá-los ao repertório de construções causativas sintéticas que figuram no PB, principalmente no dialeto mineiro. Definimos como Causativas que vêm de intransitivos inacusativos aquelas em que os verbos selecionam um argumento interno cujos traços semânticos são [-Desencadeador, +Afetado, -Controle].

Esse tipo de oração apresenta, portanto, uma alternância de valência: podendo o verbo ocorrer em construções tipicamente inacusativas, como em (105a), e em construções causativas sintéticas, como em (105b).

- (105) a) O salário adiantou.  
b) O aumento do faturamento este mês adiantou o salário dos funcionários.

Perceba que o papel temático dos argumentos em (105a) e (105b) permanece o mesmo: em ambas as construções o argumento possui a propriedade semântica de [Afetado]. Em (106), apresento mais alguns exemplos de causativas oriundas de inacusativos e, em (107), a representação sintática de uma estrutura causativa a partir de um inacusativo.

- (106) a) O tropeção que levei borrou o esmalte.  
b) O Congresso aumentou o imposto de pessoa física.  
c) O xampu que brilha o cabelo é Revlon.  
d) Essa pimenta arde a boca.  
e) Esse sapato dói meu pé.  
f) O prego furou o pneu.  
g) Não vejo jeito de sair essa cortina.  
h) O Banco Central começou a subir a taxa de juros.



Como se vê, esse tipo de construção é bem produtivo no dialeto mineiro. A próxima seção terá por meta apresentar o segundo tipo de orações causativas sintéticas: causativas a partir de inergativos.

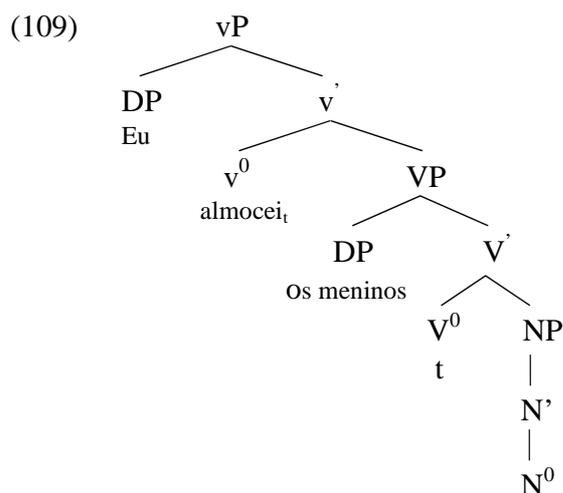
#### 4.3.2 Causativas Sintéticas a partir de Inergativos

Diferentemente dos verbos inacusativos, os verbos inergativos são aqueles ditos intransitivos que selecionam um argumento com papel temático de [Desencadeador]. Segundo Chierici (2008), “os inergativos denotam atividades que dependem da vontade do agente”. São exemplos de verbos inergativos: *nadar, pular, caminhar, uivar, dançar, viajar, trabalhar, mugir, saltar, pescar, andar*, etc. Cançado e Ciríaco (2004) afirmam que “verbos que possuem um só argumento com papel temático típico de sujeito são os inergativos”. Neste trabalho, definimos como causativas que vêm de verbos intransitivos inergativos, aquelas cujo único argumento nuclear carrega as

propriedades [+Desencadeador, ±Controle, ±Afetado]. São exemplos, as sentenças em (108):

- (108) a) Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola.  
 b) O próprio dentista sentou o cliente na cadeira.  
 c) Espera um pouco que eu subo você aí.

Note, nos exemplos acima, que, assim como nas construções com inacusativos, os verbos passam a ter estendida a grade temática, com sujeito e objeto preenchidos. Entretanto, o argumento interno tem a propriedade semântica de [+Desencadeador, +Afetado], enquanto o argumento externo tem a propriedade semântica de [+Desencadeador, -Afetado]. Esse tipo de orações causativas também foi recorrente em nosso *corpus*. Em (109), a seguir, proponho a representação da estrutura argumental de (108 a).



A seção 4.3.3 apresentará o terceiro tipo de causativas sintéticas: as causativas a partir de verbos transitivos.

### ***4.3.3 Causativas Sintéticas a partir de Transitivos***

No início de nossa empreitada, imaginávamos ser impossível haver orações causativas formadas a partir de verbos transitivos, posto que estes já trazem em sua grade temática, preenchidas as posições sintáticas de sujeito e objeto. A ocorrência de causativas sintéticas a partir de transitivos deveria ser agramatical. Entretanto, a coleta dos dados revelou algo surpreendente. Não só é possível construir orações causativas sintéticas a partir de verbos transitivos, como é possível dividir suas ocorrências em dois subgrupos. Notamos que algumas orações causativas originadas de transitivos apresentavam alternância ergativa; outras apresentavam alternância transitiva, tal como evidenciam as seguintes sentenças:

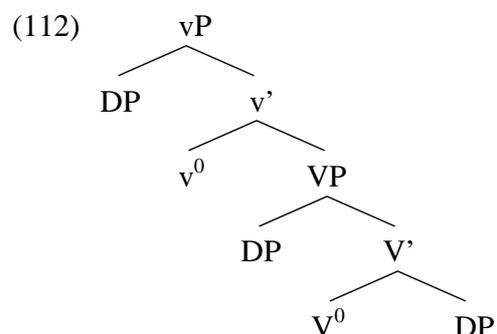
(110) a) O professor *acabou* a aula mais cedo.

b) A aula *acabou* mais cedo.

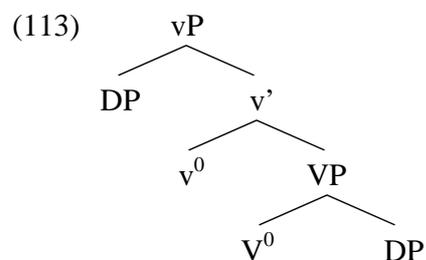
(111) a) Eu *consertei* o carro por aquele mecânico de nome maluco.

b) O mecânico *consertou* o carro. / ? O carro *consertou*.

Em (110a), o verbo *acabar* figura numa construção causativa sintética, e em (110b), vemos sua alternância numa construção ergativa, com sujeito [Afetado]. A sentença em (111a) se difere daquela em (110a) por apresentar não só a alternância ergativa, mas também a transitiva e pela presença do sintagma preposicionado introduzindo o argumento causado. Nessa sentença, o DP *aquele mecânico de nome maluco* exerce o papel de *causado* da oração causativa, isto é, aquele que desempenha de fato a ação desencadeada pelo *causador*. Note que a leitura causativa sintética de (111a) está fortemente ligada à presença da preposição. Essa preposição licencia caso abstrato e introduz o adjunto, o DP [+Desencadeador, +Afetado]. No próximo capítulo, o leitor verá nossa proposta teórica para explicar a necessidade da preposição nesse tipo de oração causativa. Sendo assim, dividimos as orações causativas oriundas de verbos transitivos em dois grupos: (i) causativas que vêm de transitivos e têm alternância ergativa, como (110), e (ii) causativas que vêm de transitivos e têm alternância transitiva (e, em alguns casos, também a alternância ergativa) como (111). O diagrama (112) traz a representação de uma oração causativa oriunda de verbo transitivo e que tem alternância ergativa. Isso se dá com  $v^0$  que c-seleciona um VP cujo núcleo é um verbo lexical que sempre se incorpora ao  $v^0$  e projeta um DP na posição de Spec com traço [+Afetado, ±Desencadeador].



Já o diagrama (113) traz a representação de uma oração causativa a partir de verbo transitivo com alternância transitiva. Isso se dá quando o  $v^0$  c-seleciona um VP cujo núcleo é de natureza transitiva, isto é, esse núcleo projeta dois argumentos: um argumento externo e um argumento interno. Contudo, o argumento externo deve ter como traço que o caracteriza a propriedade [+Afetado], independentemente de ser ele [ $\pm$ Desencadeador].



Há, entretanto, problemas teóricos envolvendo as orações causativas sintéticas, tal como postulo neste trabalho. O próximo capítulo tratará desses problemas teóricos e tentará dar a eles um tratamento adequado. Como mencionado na Introdução desta dissertação, restarão ainda problemas não solucionados, dada a complexidade do fenômeno.

## CAPÍTULO 5

### PROPOSTA TEÓRICA

No seção referente à introdução, apresentamos algumas perguntas que surgem envolvendo as orações causativas sintéticas, repetidas a seguir:

- (i) como explicar o fato de as causativas sintéticas poderem licenciar dois DPs, contendo a propriedade semântica de Desencadeador?
- (ii) Como alojar estes dois DPs numa estrutura transitiva que prevê apenas uma posição para DPs contendo papel- $\theta$  de [+AGENTE]?
- (iii) Como a ocorrência desses dois DPs está relacionada com as propriedades semânticas dos verbos intransitivos inergativos?

O objetivo deste capítulo será o de propor algumas hipóteses tomando como ponto de referência a teoria desenvolvida por Hale e Keyser (1993; 2002) e Cançado (2003; 2005). No decorrer das seções, as perguntas serão retomadas e, na medida do possível, respondidas tendo como base o aparato teórico supracitado.

O título desta dissertação, “Causativas Sintéticas no PB: Novas Evidências a Favor da Estrutura Bipartida do VP”, antecipa nossa preocupação principal: mostrar que a formação das orações causativas sintéticas requer dois núcleos, a saber: um  $v^0$  de natureza causativa e um núcleo  $X^0$ , complemento de

$v^0$ , que poderia, em tese, ser  $A^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$  ou  $V^0$ . A próxima seção objetiva desenvolver esse tema com mais detalhe.

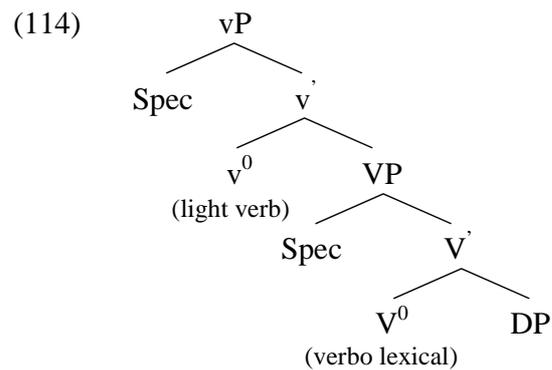
## 5.1 Aplicando a Proposta de Hale e Keyser

Avaliaremos o comportamento da proposta de Hale e Keyser em dois subgrupos de verbos: os inergativos e os transitivos. Iniciaremos pelos inergativos.

### 5.1.1 *Inergativos que se causativizam*

Começamos, então, por testar como a proposta de Hale e Keyser (1993;2002) se comporta frente aos dados do PB. Dissemos, no capítulo 1 desta dissertação, que a proposta de Hale e Keyser prevê que a estrutura argumental dos verbos é, na verdade, constituída de uma estrutura complexa. Esta estrutura é formada, por sua vez, a partir de dois núcleos, um núcleo  $v^0$  e um núcleo  $X^0$ , os quais podem passar por uma operação sintática denominada *conflation*, na qual a matriz fonológica do núcleo  $X^0$  é transferida para a posição de núcleo do verbo leve  $v^0$ . Este último, por sua vez, assume as características fonológicas do núcleo  $X^0$ , codificando as propriedades de causação denotada pelo evento. Neste sentido, toda oração causativa sintética do PB é formada por meio da operação de *conflation* envolvendo, portanto, dois núcleos, um  $v^0$  e um  $X^0$ . A

representação arbórea em (114) ilustra a estrutura sintática de uma oração causativa no PB.



Na representação em (114), o VP inferior tem como núcleo um verbo, mas, como exposto no capítulo 1, outros núcleos podem ocupar esse lugar ( $A^0$ ,  $P^0$ ,  $N^0$ ). Cada um desses núcleos projetará um nível sintagmático acima (AP, PP, NP). É o núcleo do sintagma formado que entrará na operação de *conflation* com  $v^0$ , núcleo da projeção vP.

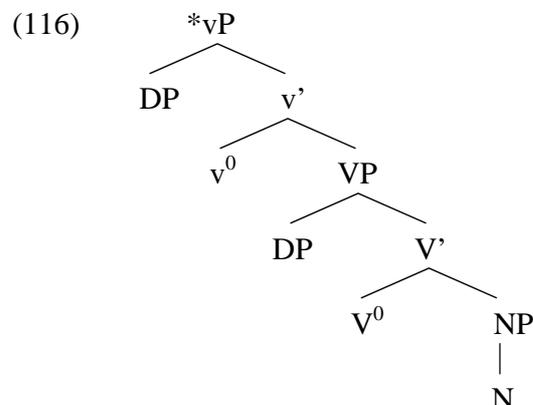
A proposta original de Hale e Keyser (1993; 2002) não prevê a causativização de verbos inergativos no inglês, conforme mostram os exemplos<sup>27</sup> abaixo.

---

<sup>27</sup> Exemplos extraídos de Hale e Keyser (1993; 2002).

- (115) a) \*The clown laughed the child.  
b) \*The alfalfa sneezed the colt.  
c) \*We'll sing Loretta this evening.  
d) \*Good feed calved the cows early.

Para os autores, as sentenças em (115) são agramaticais e revelam que verbos inergativos, pelo menos no inglês, não podem aparecer como complementos do verbo leve, na estrutura argumental. Mais precisamente, causativização de inergativos não é uma operação muito produtiva na língua inglesa. Segundo Hale e Keyser (1993;2002), verbos inergativos não podem figurar em construções causativas porque o núcleo verbal que encabeça esses predicados não seleciona um complemento que projete uma posição de especificador na representação LRS. Assim, o complemento do núcleo  $v^0$  de tais verbos não possuiria, em tese, uma posição de sujeito. Eles afirmam que a ocorrência de um DP na posição de Spec do seu complemento produzirá sentenças mal formadas, uma vez que isso ferirá o princípio de interpretação plena (Full Interpretation Principle). A estrutura (116) é agramatical justamente por prever a inserção de um argumento na posição de especificador do complemento do verbo leve nas estruturas constituídas por verbo inergativo.



A estrutura em (116) nos mostra que os verbos inergativos são denominais, isto é, são formados a partir da *conflation* de um núcleo  $N^0$ . Sendo assim, por não selecionarem como complemento um predicado, mas um *Nome*, não licenciam a ocorrência de um DP ocupando a posição de sujeito. Isso determina, segundo Hale e Keyser, que verbos inergativos não podem figurar em construções causativas sintéticas. Esta intuição dos autores fica particularmente assentada pela seguinte afirmação:

*“(...) the lexical structure representation of an unergative verb, like laugh, involves incorporation, into an abstract V, of the nominal head N of its NP complement. (...) Unergatives have no subject in their LRS representations. (...) the principle of Full Interpretation will guarantee that unergative verbs lack a subject in their LRS representations; a subject, if present in an unergative LRS representation, would itself be uninterpreted for lack of a predicate in the complement position. (...)“unergative verbs cannot appear as complements of V in LRS representations – that is, an unergative may not appear in the lexical syntactic ‘causative’ construction”.*

(HALE e KEYSER, 1993: 74-77)

Todavia, dados da língua inglesa parecem contrariar a afirmação de Hale e Keyser de que, na estrutura LSR de verbos inergativos, não figurará um predicado transitivo. Isso fica bem evidente pelos dados a seguir:

- (117) a) The captain marched the soldiers.<sup>28</sup>  
b) Mary walked the dog down the street.  
c) We will sing Loretta this evening.  
d) The crowd jumped the clown during the spectacle.  
e) The children climbed the boy.

Não empreendi uma busca exaustiva por dados de língua inglesa, posto que esse não é o objetivo central do meu trabalho. Também não seriam necessários muito mais exemplos para colocar em questão a proposta de Hale e Keyser, segundo a qual inergativos não podem ter uma estrutura bipartida. Pelo que parece, essa restrição não se aplica a todos os inergativos na língua inglesa, pois há um pequeno grupo deles que figuram sim em construções causativas sintéticas.

Vejamos agora como se comportam os dados do PB frente à restrição proposta por Hale e Keyser. Bem, o que detectamos a partir da pesquisa empírica é que a proposta para os inergativos não se aplica plenamente quando averiguamos os dados do PB, uma vez que sentenças como as de (118) abaixo mostram que verbos inergativos podem sim aparecer como complementos de  $v^0$

---

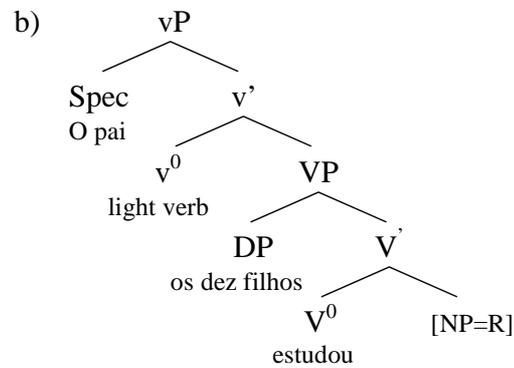
<sup>28</sup> Exemplos fornecidos pelo professor Mário Perini e testados com um falante nativo da língua inglesa.

no português, apontando para o fato de que a causativização de inergativos é sim uma operação produtiva no PB, pelo menos é o que averiguamos no dialeto mineiro. Averiguemos os dados a seguir.

- (118) a) Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola.  
b) O pai casou a filha com um negociante.  
c) O pai estudou os dez filhos.  
d) A professora correu o menino pra fora da sala.  
e) A diretoria do Atlético estreou Éder.  
f) Ela viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia.

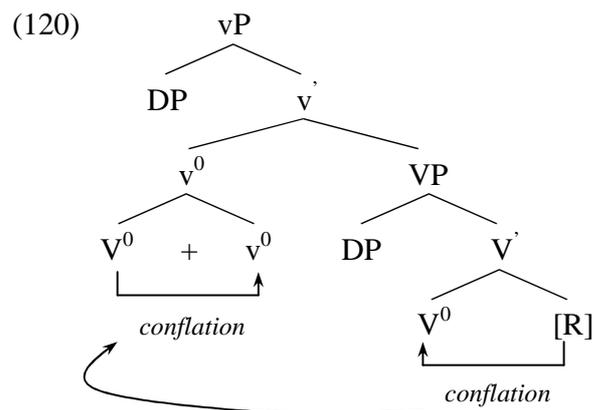
O fato curioso é que as estruturas causativas acima surgem a partir da causativização de verbos inergativos. Nelas, vemos que há duas posições argumentais preenchidas por dois DPs carregando a mesma propriedade semântica de [+DESENCADEADOR]: o DP mais alto, que é introduzido pelo verbo leve e o DP mais baixo, que é introduzido, na base, pelo verbo inergativo. Notem que o mais importante é que a teoria de Hale e Keyser (1993;2002) não prevê a ocorrência de dados como esses, visto não prevê duas posições de agente, nem supõe que verbos inergativos possam se causativizar, como nitidamente mostram os dados do português em (118) acima. Tomando por base esses fatos, assumirei que a sentença (118c), repetida abaixo como (119a), deverá possuir estrutura argumental apresentada em (119b).

(119) a) O pai estudou os dez filhos.



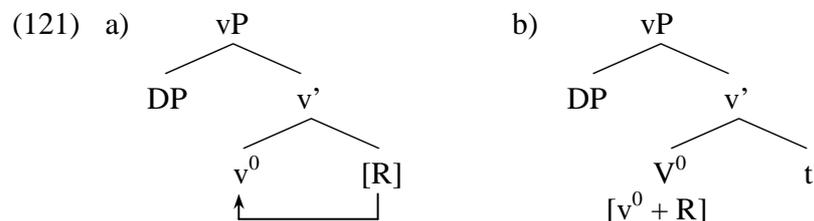
A estrutura acima deixa claro que a proposta de Hale e Keyser (1993) não se aplica plenamente aos dados do português, visto que evidencia que os verbos inergativos podem sim vir como complementos do verbo leve.

Vejamos de forma mais detalhada o processo de formação de uma oração causativa sintética. O diagrama (120) abaixo mostra como deve ser a derivação de uma estrutura causativa formada a partir de verbos inergativos.

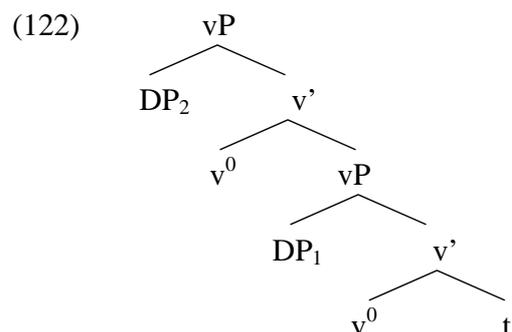


Note como funciona o processo de formação da oração causativa: uma raiz R de natureza nominal transfere sua matriz fonológica para o núcleo vazio mais próximo. No caso do exemplo (120), este núcleo corresponde  $V^0$ . Forma-se assim a primeira operação *conflation*. Em seguida, o composto formado por  $[V^0 + R]$  move-se para a posição de núcleo de  $v^0$ , que também está vazia. Neste ponto, vê-se que ocorre outra operação de *conflation*, dessa vez, entre o composto originado no sintagma inferior e o núcleo  $v^0$ , o verbo leve. Note ainda que o núcleo formado pela *conflation*  $v^0 \leftarrow V^0$  será responsável por introduzir o DP com a propriedade de Desencadeador.

Em suma, o que os dados da língua portuguesa deixam claro é que a hipótese de que inergativos não se causativizam não se confirma plenamente no PB (e possivelmente também na língua inglesa), uma vez que verbos inergativos podem sim figurar numa construção causativa. A estrutura v-VP proposta por Hale e Keyser não prevê essa ocorrência nem é capaz de explicá-la. Isso nos leva, então, a propor que, quando inergativos se causativizam, a estrutura vP terá de ser expandida para alocar os dois  $DP_{\text{Desencadeador}}$ . A consequência direta disso para a nossa análise é que teremos de lançar mão de uma estrutura vP ainda mais articulada para acomodar as construções em que os inergativos se causativizam. Por isso, proporei que a estrutura argumental dos verbos inergativos, quando causativizados, deve ser modificada. Uma hipótese plausível é a de que num primeiro momento, a raiz N, que origina o inergativo, entrará numa operação de *conflation* com  $v^0$ .



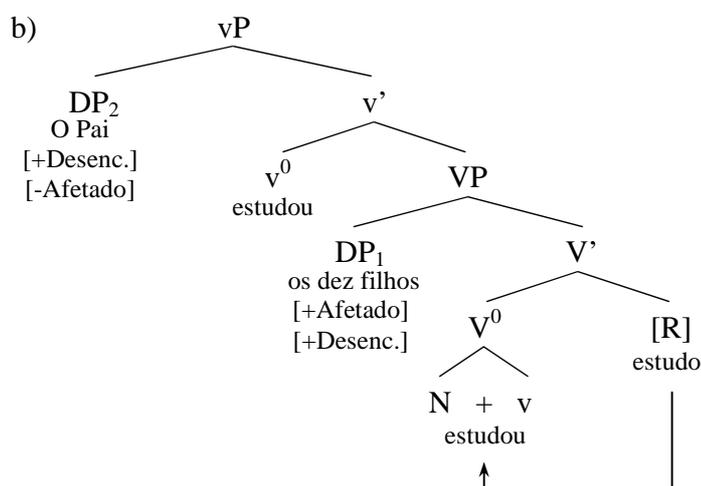
Nessa operação, teríamos a formação do verbo inergativo, com apenas um lugar sintático a ser preenchido pelo DP [+DESENCADEADOR, - AFETADO]. Ao se causativizar, a estrutura do verbo inergativo se expande. Um nível sintagmático acima é projetado, a fim de alocar mais um DP [+DESENCADEADOR, +AFETADO], como vemos em (122).



A estrutura (122), entretanto, ainda não é isenta de problemas, dado que há dois núcleos  $v^0$ , ambos podendo atribuir caso abstrato ao  $DP_1$ . O problema é como impedir que dois núcleos  $v^0$  possam valorar o mesmo Caso a um mesmo argumento. Uma alternativa será, então, assumirmos que as estruturas causativas contendo verbos inergativos são derivadas pelo mesmo procedimento que gera verbos deadjetivais e verbos de localização. Assim sendo, partindo do pressuposto de que o núcleo  $v^0$ , em geral, não introduz DPs [-Desencadeador, +Afetado], mas somente DPs com as propriedades

[+DESENCADADOR, -AFETADO], proporemos que o DP inferior será introduzido, então, por um  $V^0$ , de natureza não causativa e que não é capaz de licenciar Caso acusativo. Desse modo, a estrutura argumental final de um verbo inergativo causativizado será semelhante à de outros verbos, pois contará com uma estrutura bipartida do sintagma verbal. A estrutura sintática dos verbos inergativos terá então o formato proposto em (123).

(123) a) O pai estudou os dez filhos



Com base no exposto, julgo necessário assumir que a estrutura argumental dos verbos inergativos causativizados deve ser mais complexa do que normalmente as teorias sobre a estrutura argumental pressupõem. Isso significa dizer que, para verbos inergativos causativizados, deveremos ter uma mudança na sua estrutura argumental inicial. Assim sendo, vP formador do verbo inergativo, que inicialmente tem como núcleo um  $v^0$  causativo, quando participa de estruturas causativas sintéticas deve assumir a estrutura de um predicado transitivo, com núcleo  $V^0$  de natureza não causativa projetando uma

posição de Spec e selecionando um argumento interno, em geral um NP que se incorpora ao núcleo  $V^0$  durante a derivação sintática. Embora essas estruturas permitam dois DPs contendo as mesmas propriedades semânticas de Desencadeador, a diferença entre o  $DP_1$  e  $DP_2$ , nas representações em (122) e (123), reside no fato de que apenas o  $DP_2$  apresenta o subtraço [-Afetado], enquanto o  $DP_1$  contém o subtraço [+Afetado].

### *5.1.2 Transitivos que se causativizam*

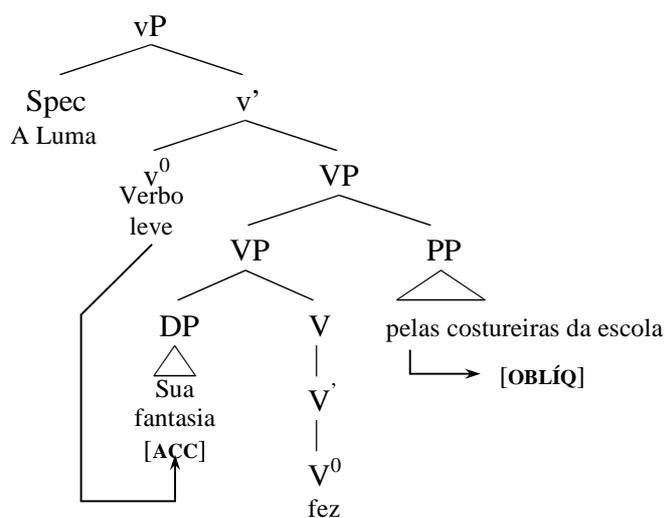
Os dados coletados até o momento mostram que no PB o verbo leve pode selecionar VPs transitivos de ação, como mostram as sentenças em (124), a seguir:

- (124) a) A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola.
- b) Ele consertou o carro por aquele mecânico de nome maluco.

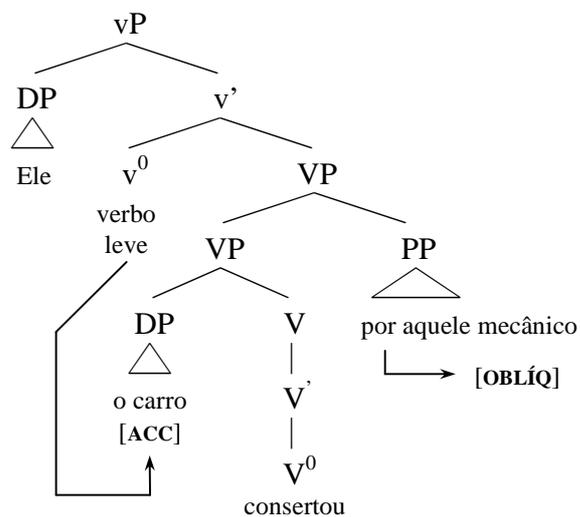
O fato peculiar que os dados em (124) apontam é que verbos transitivos de ação podem vir como complemento do light verb. Notem, ainda, que, quando o verbo leve seleciona VPs transitivos, são necessárias algumas estratégias sintáticas para dar conta de como o Caso abstrato dos dois DPs argumentos do predicado encaixado na estrutura LSR é atribuído. Nessas estruturas, é bastante comum que o DP que carrega os traços [+Desencadeador,

+Afetado] receba caso de uma preposição funcional, já que o argumento externo do verbo encaixado recebe caso do verbo leve. As derivações a seguir têm o objetivo de mostrar o mecanismo de atribuição de caso desses argumentos.

(125) a)



b)



Em suma, o que as representações em (125a) e (125b) mostram é que, quando  $v^0$  seleciona um VP transitivo, a presença de uma preposição funcional é crucial para (i) licenciar o DP com os traços semânticos [+Desencadeador, +Afetado] e (ii) para lhe atribuir o Caso estrutural. A inserção dessa preposição se explica porque, se os DPs *costureiras da própria escola* e *aquele mecânico* não recebessem Caso pela preposição *por*, ficariam sem Caso. Portanto, a inserção da preposição faz-se necessária como uma operação de último recurso, de modo a garantir que a derivação atenda às condições de Full Interpretation e a permitir que o DP que carrega os traços [+Desencadeador, +Afetado] receba Caso abstrato no curso da derivação sintática, atendendo, assim, ao que preconiza o Filtro de Caso.

Uma observação das orações causativas sintéticas no PB revelou ainda outro problema: tal estrutura permite a ocorrência de dois DPs com papéis temáticos similares, mais especificamente, de Desencadeador. Sabemos que o critério temático não permite que isso ocorra. Como explicar, então, o fato de que dois  $DP_{\text{Desencadeador}}$  figuram em causativas sintéticas? A próxima seção tem como objetivo tratar desse assunto. Para tal, ancorar-me-ei nos pressupostos teóricos delineados em Cançado (2003; 2005).

## 5.2 Natureza Semântica dos Dois DPs<sub>Desencadeador</sub>

Ao observar as causativas sintéticas no PB, percebemos que em sua estrutura figuram dois DPs com o papel temático de Agente, como se vê em (4a), repetido abaixo como (126):

- (126) Ela viajou o noivo para o Rio e caiu na gandaia  
 [+Desencadeador] [+Desencadeador]  
 [-Afetado] [+Afetado]

A ocorrência de dois DPs com o mesmo papel temático não é prevista pela teoria dos papéis temáticos, pelo contrário, é uma clara violação ao critério temático (critério- $\theta$ ).

- (127) Critério- $\theta$ <sup>29</sup>  
 (i) cada argumento numa representação sintática é suporte de uma e uma só função- $\theta$ .  
 (ii) cada função- $\theta$  numa estrutura argumental é atribuída a um e a um só argumento numa representação sintática.

Apesar de não prevista pela teoria dos papéis temáticos e de não ter explicação adequada no critério- $\theta$ , a sentença (126) não é agramatical. Em um levantamento de dados preliminares, encontramos cerca de 120 ocorrências de causativas sintéticas com dois DPs Agente. Remeto o leitor ao Apêndice 1 deste texto, a fim de observar esses dados.

---

<sup>29</sup> Raposo (1992: 303)

Como explicar então a formação das orações causativas sintéticas, mais especificamente, como explicar a ocorrência dos dois  $DPs_{Desencadeador}$  nesse tipo de estrutura?

Escolhi, portanto, trabalhar com os pressupostos da gramática gerativa e da interface sintaxe-semântica trazidos por Caçado (2003; 2005).

Como visto no capítulo 2 deste texto, Caçado não trabalha com a definição tradicional de papel temático. Ela trabalha com as propriedades semânticas que compõem os papéis temáticos, quais sejam *Desencadeador*, *Afetado*, *Estativo* e *Controle*. Essas propriedades se combinam e compõem os papéis temáticos de 95% dos dados do PB.<sup>30</sup>

Vamos então aplicar a proposta de Caçado aos dados de causativas sintéticas no PB, em especial no dialeto mineiro.

### ***5.2.1 Aplicando a Proposta de Caçado ao Estudo das Causativas Sintéticas***

Vejam agora de que modo a definição de papel temático trazida por Caçado nos permite explicar, de forma coerente, as orações causativas sintéticas.

Para Caçado, como visto no capítulo 2 deste texto, papéis temáticos são feixes de propriedades semânticas. Tais propriedades se resumem em

---

<sup>30</sup> Durante o seminário de Interface Sintaxe-Semântica (2º semestre de 2008, UFMG), Caçado afirmou que há mais propriedades relevantes para descrever os papéis temáticos do PB. Entretanto, as quatro propriedades mencionadas nesta dissertação são as mais importantes, capazes de recobrir cerca de 95% dos dados do PB.

quatro: *Desencadeador*, *Afetado*, *Estativo* e *Controle*; sendo que um mesmo argumento pode ter mais de uma propriedade semântica. Assim como Cançado, deixamos de lado nomenclaturas tais como *Agente e Paciente* e as substituímos por *Desencadeador e Afetado*, por abarcarem as propriedades semânticas mais relevantes. A vantagem de se trabalhar com as propriedades semânticas que compõem um papel temático é que temos ferramentas para captar as propriedades mais sutis, além de ser possível admitir que um mesmo argumento tenha mais de uma propriedade semântica; lembrando que o papel temático é o conjunto de todas elas, como demonstrado em (66), repetido a seguir como (128).

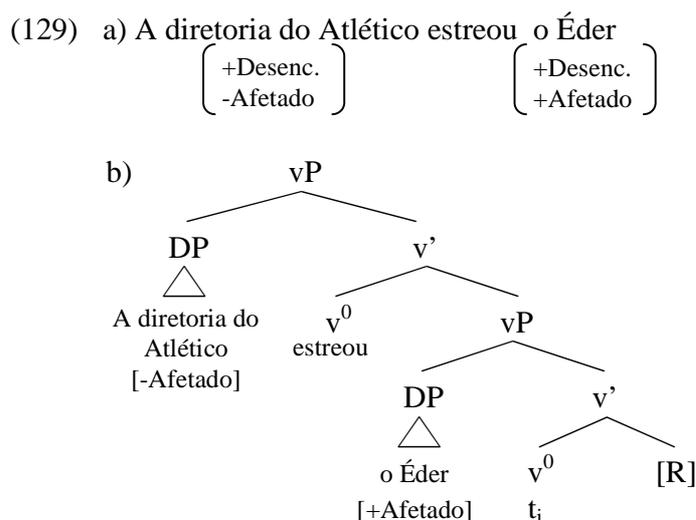
(128) O pai casou a filha.  
 $\left( \begin{array}{l} +\text{Desenc.} \\ -\text{Afetado} \end{array} \right) \quad \left( \begin{array}{l} +\text{Desenc.} \\ +\text{Afetado} \end{array} \right)$

Em (128), os dois DPs *O pai* e *a filha* apresentam a propriedade semântica [Desencadeador]. Entretanto, há uma propriedade que distingue o papel temático em cada um desses DPs, no caso, a propriedade [Afetado]. No capítulo 2, salientamos que tal proposta não violaria o critério- $\theta$ , pois DPs nunca teriam *exatamente* as mesmas propriedades semânticas, conseqüentemente, nunca teriam os mesmos papéis temáticos, já que cada grupo de propriedades semânticas que compõe um papel temático é único.

Conseguimos, portanto, explicar a ocorrência dos dois DPs com propriedades semânticas semelhantes – mas papéis temáticos diferentes – nas orações causativas sintéticas. Há, entretanto, outro problema a ser resolvido: como definir a posição dos dois DPs<sub>Desencadeador</sub> na estrutura temática apresentada por Cançado. Cançado (2003, 2005) afirma que argumentos com a

propriedade semântica [+Desencadeador] ocupam uma posição mais alta na Hierarquia Temática, enquanto que argumentos com a propriedade [+Afetado] ocupam uma posição mais baixa. Ao expor o Quadro Teórico, no capítulo 2 desta dissertação, mencionei que numa oração causativa sintética, o DP [+Desencadeador, -Afetado] ocupará a posição mais alta na hierarquia, isto é, será argumento externo, Spec de vP. Já o DP [+Desencadeador, +Afetado] ocupará uma posição mais baixa, ou seja, será argumento interno, Spec de VP.

Para melhor visualização da aplicação da Hierarquia Temática, tal como em Cançado, trago novamente o exemplo (68), repetido agora como (129).



A estrutura em (129b) permite-nos visualizar os lugares sintáticos dos dois  $DP_{\text{Desencadeador}}$  : aquele que apresenta a propriedade [+Desencadeador, +Afetado] aparecerá sempre numa posição de Spec de VP, mais baixa; já aquele com a propriedade [+Desencadeador, -Afetado] ocupará uma posição mais alta na hierarquia, Spec de vP. Essa análise traz importantes

consequências para a proposta de Hale e Keyser (1993; 2002) e facilita adotar a hipótese do VP complexo, com seu núcleo causativo, bem como nos permite alocar os dois DPs envolvidos numa oração causativa sintética, já que o verbo leve sempre introduzirá o DP mais alto, aquele que carrega as propriedades [+Desencadeador,-Afetado]. Entretanto, assumir a proposta de Cançado reforça a incompletude da hipótese de Hale e Keyser ao afirmarem que verbos inergativos não se causativizam.

Sendo assim, adoto tal proposta para o tratamento das causativas, trabalhando com a noção de papéis temáticos como feixes de propriedades semânticas. Por fim, nota-se que as propriedades [+Desencadeador, -Afetado] conferem ao DP que as carrega o direito de ocupar o lugar mais alto da hierarquia, mais precisamente a posição de Spec-vP.

Cumpra falar um pouco a respeito da propriedade semântica [Controle]. Vejamos os dados apresentados em (130).

- (130) a) A professora correu o menino da sala.  
b) Só eu mesmo pra te saltar desse muro.  
c) O dentista sentou o cliente na cadeira.  
d) Esse governo está sempre voltando para os pontos importantes sempre a mesma corja.  
e) Que bom que ele chegou o irmão pra frente.

Nos exemplos arrolados em (130), todos os DPs grifados carregam a propriedade semântica [Controle]. Parece que não é essa a propriedade que define a posição dos argumentos na sentença, no caso das orações causativas sintéticas, mas sim a propriedade [Afetado].

Vejamos, no entanto, sentenças que apresentam DPs que não carregam a propriedade [Controle].

- (131) a) O pontapé que João deu na parede abriu a porta.  
 b) O aumento do faturamento este mês adiantou o salário.  
 c) O tempo amadureceu as frutas.  
 d) Essa pimenta arde a boca.  
 e) Esse sapato dói meu pé.  
 f) O tropeção que levei borrou o esmalte.

Em (131), nenhum dos DPs tem a propriedade [Controle]. Mais uma vez, os DPs [+Desencadeador, -Afetado] aparecem numa posição mais alta, como argumento externo; enquanto que DPs [+Afetado] aparecem numa posição mais baixa, como argumento interno. Assumirei, portanto, que, para o tratamento das orações causativas sintéticas, a propriedade [Controle] não é decisiva.

Resta-nos um último problema a ser resolvido dentro da abordagem teórica de Cançado. Tem a ver com as orações causativas oriundas de verbos transitivos. Observe as sentenças em (132), a seguir.

- (132) a) A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola.
- b) Ele consertou o carro por aquele mecânico de nome maluco.
- c) A Eunice me acreditou de novo na vida.

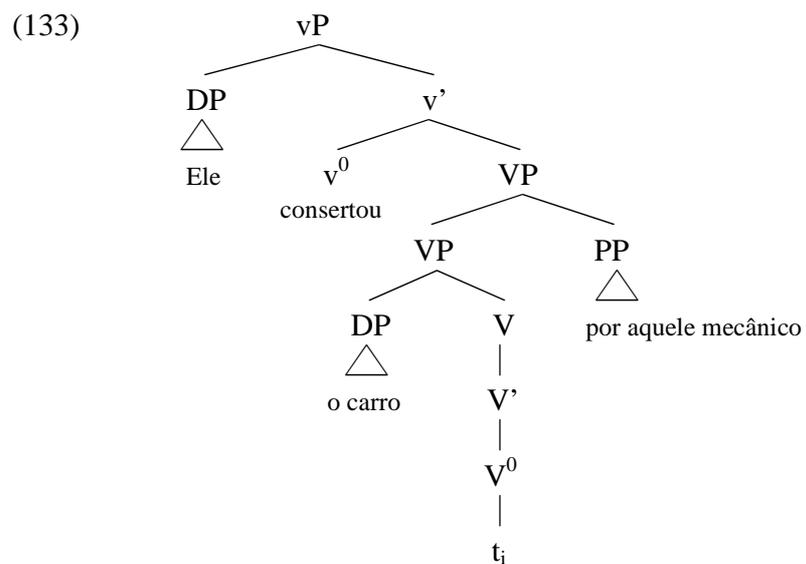
Os exemplos arrolados em (132) mostram que em causativas oriundas de verbos transitivos é necessária a inserção de uma preposição. Essa preposição é funcional, isto é, não atribui papel temático, mas atribui caso abstrato. É ela que introduz o DP [ $\pm$ Desencadeador, +Afetado] e proporciona uma leitura causativa do evento. Bem, se essa preposição introduz um argumento e atribui a ele caso abstrato – o oblíquo – qual é o estatuto dessa preposição? Será que ela é juntada pela operação MERGE em adjunção a VP ou como complemento do núcleo V<sup>o</sup>, na estrutura LSR?

A fim de buscar uma resposta coerente para tais questões, recorro novamente aos pressupostos teóricos trazidos por Cançado (2005). Consoante Cançado, as regras de projeção que regem a Hierarquia Temática organizam somente as posições argumentais externa e interna do predicador. Assim,

*Todos os outros argumentos associados às outras propriedades inscritas na representação lexical serão marcados por uma preposição e projetados na sintaxe com adjunções. (...) todo argumento/complemento introduzido por uma preposição está em posição de adjunção, já este tem a mesma estrutura sintática e as mesmas propriedades sintáticas de qualquer adjunto.*

(CANÇADO, 2005, p. 19)

Em síntese, acompanhando Cançado, proponho que o DP introduzido pela preposição ocorre em posição de adjunção a VP, como vemos na representação em (133).



## CAPÍTULO 6

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco desta dissertação girou em torno de três questões principais: (i) como explicar a ocorrência dos dois DPs [+Desencadeador], (ii) como alocar os dois DPs [+Desencadeador] numa teoria que oferece apenas um lugar para DPs que recebem o papel theta [AGENTE = DESENCADEADOR] e (iii) quais seriam as evidências a favor de se propor uma estrutura bipartida para os predicados inergativos que se causativizam. Tentarei retomar tais questões brevemente resumizando o tratamento dado a elas no miolo do texto.

Começamos então pela primeira questão que se nos apresentou: os dois DPs [+Desencadeador]. Seria impossível explicar a ocorrência desses dois DPs seguindo uma abordagem estritamente gerativista. Dois DPs com papéis temáticos similares violaria o critério temático gerando sentenças agramaticais. Decidi, pois, adotar o conceito de papel temático encontrado em Cançado (2003; 2005). Cançado não trabalha com os papéis temáticos, mas com as propriedades semânticas que os constituem, a saber: Desencadeador, Afetado, Estativo e Controle. Segundo a autora, papéis temáticos são feixes, ou grupos, de propriedades semânticas - as alistadas anteriormente. Sendo assim, dois DPs podem ter propriedades semânticas similares, podem ser dois DPs [+Desencadeador], por exemplo. Todavia, nunca terão *exatamente* as mesmas propriedades, pelo menos uma lhe será peculiar. Adotar o conceito de papéis temáticos como feixes de propriedades semânticas permite explicar a estrutura das causativas sintéticas com seus dois DPs [+Desencadeador]. Mas como alocar esses DPs? Qual seria o lugar sintático de cada um deles? Para tanto nos

apoiamos no estudo da estrutura dos verbos deadjetivais, os *locatum* e *location* verbs, e na teoria generalizada da estrutura argumental desenvolvida por Hale e Keyser para propor a estrutura bipartida do VP dos inergativos.

Como último problema e tema da dissertação, resta-nos fornecer as evidências a favor da estrutura bipartida do VP. É de Larson (1988), a hipótese do VP cindido. Tal hipótese foi formulada devido à observação da relação de c-comando entre argumentos de verbos de objeto duplo. Mais tarde, foi mais bem desenvolvida por Hale e Keyser (1993; 2002) e estendida por Chomsky (1995). Em suma, a hipótese tem como cerne a afirmação de que os VPs tenham, na verdade, uma predicação complexa, isto é, são formados por dois núcleos: um  $v^0$  de natureza causativa e um  $X^0$ . Bem, as orações causativas sintéticas fornecem evidência a favor dessa hipótese, pois em sua formação requerem dois núcleos. O núcleo  $X^0$ , por meio de uma operação sintática denominada *conflation*, transfere sua matriz fonológica para o verbo leve,  $v^0$ . Este, por sua vez, habilita o verbo (composto,  $v^0 + X^0$ ) a figurar em construção causativa sintética, pois instaura o lugar sintático a ser ocupado pelo DP [+Desencadeador, -Afetado]. Assim, não precisamos dizer que o verbo alterou sua valência de intransitivo a transitivo; diremos apenas que foi causativizado pelo núcleo  $v^0$ .

Os verbos inergativos revelaram ser um caso à parte. Têm sua origem numa *conflation* de uma Raíz [R], de natureza nominal, com o verbo leve de natureza causativa. Inicialmente, oferecem lugar para apenas um DP, a saber, aquele com as propriedades semânticas [+Desencadeador, -Afetado]. Posteriormente, ao se causativizarem, o verbo inergativo projeta um nível sintagmático acima, a fim de alocar mais um DP necessário à situação causativa. Ter duas projeções, ambas com o verbo leve como núcleo, acarreta problemas teóricos como, por exemplo, o fato de o verbo leve não poder

licenciar um DP com a propriedade [+Afetado] nem o fato de um mesmo Caso ser atribuído mais de uma vez por dois núcleos  $v^0$  similares. Sendo assim, assumimos que os inergativos causativizados terão sua estrutura modificada. A projeção inferior terá como núcleo um  $V^0$ , de natureza não causativa, que possibilitará a introdução do DP [+Afetado]. O vP superior continua tendo como núcleo o verbo leve causativo. Portanto, ao ser causativizado, o verbo inergativo terá de possuir uma estrutura bipartida, contendo dois níveis, um vP e um VP na estrutura LRS.

Como dito no capítulo 1 desta dissertação, nosso intuito era o de descrever as orações causativas no PB tendo como base um aparato teórico bem eclético: pressupostos da gramática gerativa, um pouquinho de semântica e uma interface sintaxe-semântica. Só assim seria possível responder as questões em torno do objeto de estudo. Como afirma Perini,

*(...) no atual momento, as teorias linguísticas não são muito confiáveis. Valem como hipótese de trabalho, mas precisam estar constantemente em questão. Precisam ser testada com seriedade, fazendo um esforço consciente no sentido de colocá-las em dificuldades, procurando dados que as refutem.*

*(PERINI, 2008:40)*

Obviamente este estudo é incompleto, dada a complexidade do fenômeno. É uma parcela insignificante para o entendimento das causativas no PB. Espero que em momento futuro seja possível dar continuidade ao trabalho esboçado aqui.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADGER, David. **Core Syntax**. Oxford: University Press, 2004
- BAKER, Mark C. *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago Press: University of Chicago, 1988.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. **Da Expressão da Causatividade no Português do Brasil: uma Viagem no Túnel do Tempo**. 1995. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_. Causativas Lexicais no Português do Brasil: Perfil Morfossintático, Semântico e Funcional-Discursivo. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento *et al.* **Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 167-232.
- BURZIO, Luigi. **Italian Syntax: a Government-Binding Approach**. D. Reidel Publishing Company, 1986.
- CAMARA, J.M. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 9. Ed. Editora Vozes: Petrópolis, 1981.
- CANÇADO, Márcia. **Hierarquia Temática: uma Proposta para o PB**. 2003. *Revista Letras* 61:60-62.
- CANÇADO, M. 2005. Propriedades Semânticas e Posições Argumentais. *DELTA*, v. 21, n. 1, p. 23-56.
- CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- CHIERICI, Paloma. *Distinção Morfossintática Entre Verbos Inergativos e Inacusativos*. UFMG. (2008) ms
- CIRÍACO, Larissa; CANÇADO, Márcia. **Inacusatividade e Inergatividade no PB**. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Universidade estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, n. 1. Jul./Dez.2004. p.207-2205.

COMRIE, Bernard. Causative Constructions. In: COMRIE, Bernard. **Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology**. University of Chicago Press, Chicago, 1981. p. 158-177.

\_\_\_\_\_. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: SHOPEN, Timothy (Ed.) **Language typology and sintatic description: grammatical categories and the lexicon**. Cambridge University Press, 1985. v.3.

DUARTE, Fábio Bonfim. (2002) **Predicados Ergativos**. Juiz de Fora: UFJF, ms.

FRANCHI, Regina Celi Moraes Whitaker. **As Construções Ergativas: um Estudo Semântico e Sintático**. 1989. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1989.

GIVÓN, Talmy. Cause and Control: on the Semantics of Interpersonal Manipulation. In: KIMBALL, John P. (Ed.). **Syntax and Semantics**. New York Academic Press, 1975. v. 4, p. 39-89.

GUASTI, Maria Teresa. Romance Causatives. In: Liliane Heageman (org.) *The new comparative syntax*, Longman, p.124-144, 1997.

HALE, K.; KEYSER, S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. Hale e S. J. Keyser (eds.) **The view from building 20**. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.

. \_\_\_\_\_ The Basic elements of argument structure. *MIT Working Papers in Linguistics*, vol. 32, MIT, Cambridge, 1998.

\_\_\_\_\_. **Aspect and the syntax of argument structure**, MIT, 2002, ms.

MACEDO, Walmírio. **Dicionário de Gramática**. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1979.

LARSON, Richard. **On The Double Object Construction**. *Linguistic Inquiry*, vol. 19, n 3, 1988.

LOPES, Mário Alexandre Garcia. **Análise da Estrutura v-VP na Teoria Gerativa**. Belo Horizonte: Revista ReVeLe, 2007, no prelo.

PERINI, Mário Alberto. Ergativas e Médias em Português. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 8, no. 16, p. 13-34, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estudos de Gramática Descritiva: As Valências Verbais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RADFORD, Andrew. *Syntax: A Minimalist Introduction*. Cambridge: CUP, 1998.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da Gramática*. A Faculdade da Linguagem. Caminho: Lisboa, 1992.

SHIBATANI, Masayoshi. **A Linguistic Study of Causative Constructions**. 1975. Tese (Doutorado). California University, 1975.

\_\_\_\_\_. **Causativization**. In: SHIBATANI, Masayoshi (Ed.). *Syntax and Semantics: the Grammar of Causatives Constructions*. New York Academic Press, 1976. v. 5, p 239-294.

## **APENDICE 1**

Tipos de Verbos que Causativizam e que Ergativizam

## TIPO 1

Causativas que vêm de verbos transitivos e têm alternância ergativa

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
abrandar	O telefonema do filho abrandou a ansiedade da mãe.	A ansiedade da mãe abrandou.
acabar	Ele acabou a aula mais cedo.	A aula acabou mais cedo.
acalmar	O colo da mãe acalmou o filho.	O filho acalmou.
agarrar	Me dá outra pinça. Essa aqui agarra o algodão.	O algodão agarrou.
alongar	O implante alongou os cabelos do homem.	Os cabelos do homem alongaram.
amolecer	O calor amoleceu a massa.	A massa amoleceu.
cegar	Isso que você está fazendo cega a faca.	A faca cegou.
consertar	Ele consertou o carro por aquele mecânico de nome maluco.	O carro consertou.
esfriar	Zé esfriou os biscoitos.	Os biscoitos esfriaram.
esquentar	Zé esquentou o leite.	O leite esquentou.
esverdear	O lodo esverdeou a água da lagoa.	A água da lagoa esverdeou.
melhorar	O remédio melhorou a menina.	A menina melhorou.
mudar	Minha mãe me mudou de escola.	Eu mudei de escola.
terminar	Cuidado! Isso termina casamento.	O casamento terminou.
trocar	O Fábio me trocou de projeto.	Eu troquei de projeto.

## TIPO 2

Causativas que vêm de verbos transitivos e têm alternância transitiva

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Transitiva</b>
acordar	Hoje eu acordei pelo despertador do meu celular.	O despertador me acordou.
acreditar	Foi a Eunice que me acreditou de novo na vida.	Eu acreditei na vida.
enviar	Eu enviei o presente pelo pai da noiva.	O pai da noiva enviou o presente.
faltar	A mãe faltou o menino de aula.	O menino faltou de aula.
fazer	A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola.	As costureiras da escola fizeram a fantasia.
interessar	Eu quero ver se interessa alguém mais por essas cantigas.	Alguém interessou pelas cantigas.
mudar	Minha mãe me mudou de escola.	Eu mudei de escola.
trocar	O Fábio me trocou de projeto.	Eu troquei de projeto.

## TIPO 3

Causativas que vêm de verbos intransitivos cujo único argumento nuclear carrega as propriedades [+Desencadeador, ±Controle, +Afetado]

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
acasalar	O fazendeiro acasalou os dois tipos de gado.	O gado acasalou.
afugentar	Os soldados afugentaram os caras pintadas do recinto.	Os caras pintadas fugiram do recinto. (heterônima)
agregar	O concerto agregou ricos e pobres no mesmo local.	Ricos e pobres agregaram.
agrupar	A professora agrupou os alunos	Os alunos agruparam.
almoçar	Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola.	Os meninos almoçaram.
Baixar (fazer vir, trazer)	Eles conseguiram baixar a mãe em Guarapari.	A mãe baixou em Guarapari.
casar	O pai casou a filha com um negociante. A família errou ao casar Marina aos 14 anos.	A filha casou. Marina casou aos 14 anos.
chegar	Que bom que ele chegou o irmão pra frente!	O irmão chegou pra frente.
correr	A professora correu o menino da sala.	O menino correu da sala.
dançar	Esse desgraçado desse presidente dançou muita gente.	Muita gente dançou.
descer	Espera um pouco que eu vou descer o paciente.	O paciente desceu.
dispersar	A chegada da polícia dispersou a multidão.	A multidão dispersou.

*(continuação)*

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
dormir	“Menina (...) cantei pra te dormir”. (música “Menina”, de Paulinho Nogueira)	A menina dormiu.
embebedar	Zé embebedou a menina.	A menina embebedou.
entrar	Acabou essa moleza de te entrar pela porta dos fundos. Foi a própria mãe que entrou todo mundo na festa.	Eu entrei pela porta dos fundos. Todo mundo entrou.
estrear	A diretoria do Atlético estreou Éder.	O Éder estreou.
estudar	O pai estudou os dez filhos.	Os filhos estudaram.
fugir	Primeiro eu fujo o preso, depois eu digo que ele fugiu sozinho.	O preso fugiu.
integrar	A escola integrou alunos de diferentes classes sociais.	Diferentes classes sociais integraram.
pular	O cão, a gente tem que pular ele muito, pra que ele fique bem treinado.	O cão pulou.
reconciliar	A mãe reconciliou os dois irmãos.	Os irmãos reconciliaram.
reviver	Meu caro Romeu, trate de reviver essa Julieta murcha.	A Julieta reviveu.
revoltar	O jogo revoltou o torcedor.	O torcedor revoltou.
saltar	Só eu mesmo pra te saltar desse muro.	Eu saltei.
sentar	O próprio dentista sentou o cliente na cadeira.	O cliente sentou na cadeira.
subir	Espera um pouco que eu subo você aí	Você subiu aí.

*(continuação)*

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
suicidar	Os militares suicidaram Getúlio Vargas.	Getúlio Vargas suicidou.
tirar	Ele me tirou da sala na marra.	Eu saí da sala. (heterônima)
viajar	Ela viajou o noivo pro Rio e caiu na gandaia.	O noivo viajou.
voltar	Esse governo está sempre voltando para os postos importantes sempre a mesma corja. Eu voltei a Camila pra cama.	A corja voltou.  A Camila voltou pra cama.

## TIPO 4

Causativas que vêm de verbos intransitivos inacusativos que selecionam um argumento interno cujos traços semânticos são  
[-Desencadeador, +Afetado, -Controle]

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
abaixar	O verdadeiro amigo não abaixa a moral do outro como você está fazendo.	A moral abaixou.
abrir	O pontapé que João deu na parede abriu a porta.	A porta abriu.
acoplar	João acoplou as peças.	As peças acoplaram.
adiantar	O aumento do faturamento este mês adiantou o salário dos funcionários.	O salário adiantou.
alvorecer	Foi o padre que inventou essa agora de alvorecer Piranga com a banda de música.	Piranga alvoreceu.
amadurecer	O tempo amadureceu as frutas.	As frutas amadureceram.
amanhecer	Essa mistura de bebidas sempre me amanhece com dor de cabeça.	Minha cabeça amanhece com dor.
andar	O Márcio vai andar o carro.	O carro andou.
aparecer	O outro tapete ia aparecer muito a sujeira.	A sujeira apareceu.
aposentar	O advogado aposentou meu pai.	Meu pai aposentou.
aquecer	A chegada do verão aqueceu a casa.	A casa aqueceu.
arder	Essa pimenta arde a boca.	A boca arde.
arredar	O empurrão que João levou arredou o sofá.	O sofá arredou.

*(continuação)*

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
aterrizar	O piloto aterrizou o avião.	O avião aterrizou.
aumentar	O Congresso aumentou o imposto de pessoa física. As fãs continuam aumentando a coleção de calcinhas do Wando.	O imposto aumentou. A coleção de calcinhas aumentou.
borrar	O tropeção que levei borrou o esmalte.	O esmalte borrou.
brilhar	O xampu que brilha o cabelo é o Revlon.	O cabelo brilha.
cair	O governo caiu a inflação. A PUC não quer cair a qualidade de ensino.	A inflação caiu. A qualidade de ensino caiu.
construir	Quanta estação nova de metrô esse Quércia vem construindo.	A estação está construindo.
crescer	Novo ministro cresce a inflação no Brasil. Não quero engravidar porque vai crescer o peito. Se o Márcio crescer uma barriga daquela, você ainda vai gostar dele?	A inflação cresceu. O peito cresceu. A barriga do Márcio Cresceu.
derramar	O empurrão que João levou derramou água no chão.	A água derramou.
derreter	A chegada do verão derreteu a neve.	A neve derreteu.
desaparecer	Zé desapareceu os livros da menina.	Os livros desapareceram.

*(continuação)*

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
descer	Antes de mais nada é preciso fazer o moleque descer os livros da estante. Favor, não descer a alavanca.	Os livros desceram da estante.  A alavanca desceu
descosturar	A queda que Paulo levou descosturou suas calças.	Suas calças descosturaram.
desencaixar	O menino desencaixou as peças.	As peças desencaixaram.
desencostar	Marta desencostou as cadeiras e a poltrona.	As cadeiras e a poltrona desencostaram.
desgrudar	Maria desgrudou os adesivos.	Os adesivos desgrudaram.
desimpedir	O fim das obras na Antônio Carlos desimpediu o trânsito.	O trânsito desimpediu.
desmaiar	Cuidado gente! Não vai desmaiar a Yara não.	A Yara desmaiou.
despregar	Maria despregou os papéis.	Os papéis despregaram.
desprender	Maria desprende os colares.	Os colares desprenderam.
desviar	A chegada da polícia desviou o trânsito.	O trânsito desviou.
doer	Esse sapato dói meu pé.	Meu pé dói.
durar	Ele durou mais a aula só pra me provocar.	A aula durou.
embaralhar	Ela embaralhou as cartas.	As cartas embaralharam.
embolar	Você embolou suas meias.	As meias embolaram.
embranquecer	O sabão embranqueceu a roupa.	A roupa embranqueceu.
emperrar	Burocracia emperra liberdade de Bejani.	A liberdade emperrou.
encaixar	Maria encaixou as peças.	As peças encaixaram.

*(continuação)*

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
encharcar	A chuva encharcou o terreiro.	O terreiro encharcou.
encurtar	Curso técnico encurta caminho.	O caminho encurtou.
endoidar	A morte da esposa endoidou João.	João endoidou.
engravidar	João engravidou a namorada.	A namorada engravidou.
estontear	Os soco de José estonteou João.	João estonteou.
engarrafar	A duplicação da Antônio Carlos engarrafou o Anel.	O Anel engarrafou.
engasgar	A bala engasgou o menino.	O menino engasgou.
entornar	O empurrão que João levou entornou vinho na mesa.	O vinho entornou.
entrar	Tem lado de entrar a chave.	A chave entrou.
enviuvou	O acidente enviuvou Joana.	Joana enviuvou.
escurecer	Esse tapa-olhos não adianta. Não estou conseguindo escurecer o olho.	O olho escureceu.
esparramar	O empurrão que João levou esparramou as cartas pela mesa.	As cartas esparramaram.
estacionar	A árvore estacionou o crescimento.	O crescimento estacionou.
ferver	Ah não, meu filho, essa sua gritaria vai acabar fervendo a minha cabeça.	Minha cabeça ferveu.
funcionar	A porcaria da chave não funcionava o carro.	O carro não funcionava.
furar	O prego furou o pneu.	O pneu furou.
ligar	Maria ligou os fios.	Os fios ligaram.

*(continuação)*

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
morrer	Você tanto fez que morreu o passarinho.	O passarinho morreu.
movimentar	É que a roda virando, movimenta o eixo dela.	O eixo movimentou.
nafragar	Ele deu de cara com um furacão que o naufragou.	Ele naufragou.
permanecer	Eu vou permanecer os bons projetos.	Os bons projetos permaneceram.
queimar	Foi você que queimou o meu braço.	O meu braço queimou.
rasgar	O puxão de Joana rasgou a saia de Maria.	A saia de Maria rasgou.
remendar	DNER remenda estrada assassina.	A estrada remendou.
render	A Márcia rendeu a aula hoje.	A aula rendeu.
sair	Não vejo jeito de sair essa cortina. Será que você consegue sair este anel?	A cortina saiu.  O anel saiu.
secar	A abertura da janela secou a infiltração da cozinha.	A infiltração secou.
sobrar	Aqui em casa, nós estamos sobrando muita comida.	Muita comida está sobrando.
sobreviver	Os funcionários do zoológico sobreviveram um dos filhotes.	Os filhotes sobreviveram.
suar	O problema dessa almofada é que ela sua a gente.	A gente suou.

*(continuação)*

<b>Verbo</b>	<b>Alternância Causativa</b>	<b>Alternância Ergativa</b>
subir	O branco Central começou a subir a taxa de juros. Márcio subiu as intenções de voto.	A taxa de juros subiu. As intenções de voto subiram.
sumir	Zé sumiu a chave. O leite condensado sumiu o gosto do damasco.	A chave sumiu. O gosto do damasco sumiu.
tapar	O prefeito que trate de tapar os buracos da rua.	Os buracos taparam.
unir	A menina uniu as pontas do tecido.	As pontas uniram.
vazar (1)	José Aparecido vazou o dossiê.	O dossiê vazou.
vazar (2)	A batida do ferro vazou o cano.	O cano vazou.
zoar	“Eu vou zoar toda a cidade”. (samba-enredo da União da Ilha, 2001)	Toda a cidade zoou.

## **APÉNDICE 2**

### **Principais Afixos Causativos no PB<sup>31</sup>**

---

<sup>31</sup> Adaptado de BITTENCOURT (2001)

---



---

**Formas com EN-**

- i. de adjetivo: embebedar, encrespar, endoidar, enviubar etc.
  - ii. de substantivo: encapar, encapuzar, encharcar, enraizar etc.
- 

**Formas com A-**

- a) de adjetivo: abrandar, abreviar, acalmar, alongar etc.
  - b) de substantivo:
    - (i) com incorporação de instrumento: acorrentar, afivelar, agulhar, apunhalar, aterrar etc.
    - (ii) com incorporação de objeto manipulado: aplinar, atapetar, atijolar etc.
    - (iii) com incorporação do modelo: abaular, abobadar etc.
    - (iv) com relação locativa: acampar, apontar, aprisionar, aquartelar etc.
- 

**Formas com ES-**

- a) escaldar, esfriar, esquentar, estontear, esverdear etc.
- 

**Formas com -E(S)CER**

- a) de adjetivo: alvorecer, escurecer, obscurecer, robustecer, verdecer etc.
  - b) de substantivo: florescer, frondescer, arborescer, bolorecer etc
- 

**Formas com -EJAR**

- a) de adjetivo: alvejar, branquejar, fraquejar, negrejar, vermelhejar etc.
  - b) de substantivo: calejar, frondejar, saculejar, velejar etc.
- 

**Formas com -FICAR**

- a) de adjetivo: dignificar, eletrificar, purificar, santificar, terrificar etc.
  - b) de substantivo: coisificar, danificar, estratificar, panificar, vitrificar etc.
- 

**Formas com -IZAR**

- a) de adjetivo: americanizar, civilizar, familiarizar, humanizar, imbecilizar, verbalizar etc.
  - b) de substantivo: dolarizar, energizar, infernizar, horrorizar, valorizar etc.
- 

**Formas com A-/EM-/RE- + -E(S)CER**

- a) de adjetivo: amadurecer, amolecer, emagrecer, enlouquecer, enriquecer, reverdecer, revivescer etc.
  - b) de substantivo: reflorescer, refrondescer etc.
-

*(continuação)*

---

Formas com **A-** + **-IZAR**

- a) de substantivo: atemorizar, aterrorizar, alunizar etc.

---

Formas com **A-** + **-ENTAR**

- a) de adjetivo: amolentar, aformosentar, aviventar etc.  
b) de verbo: adormentar, afugentar, apsacentar etc.
-